



3 per 4  
velhice

## SUMÁRIO

- 04** Beleza à prova de idade
- 05** A vida de um anônimo velho das ruas
- 06** Uma atitude positiva para a vida
- 08** Soeral: flanando no território dos velhos
- 10** Velhice e boemia em Porto Alegre
- 12** Pelas ruas de Porto Alegre
- 13** Entrevista com Danúnio Gonçalves
- 17** Uma eterna sala de espera
- 18** Ronei, o vulgo Picasso
- 19** Forrest Gump não morreu
- 20** Um massacre chamado velhice
- 22** Amor e Paixão: serão mesmo fogo?
- 23** Ensaio sobre a velhice
- 26** Vida e Morte de José Saramago



# editoriais

## Jovens pensam a velhice

Uma turma de jovens jornalistas, após algumas discussões, decide pela edição do jornal-laboratório 3x4 com o tema velhice. Todos se empolgam com a possibilidade de realização de boas matérias. Um dos alunos, no período de discussão das pautas, diz que gostaria de fazer uma matéria sobre a produção artística de alguém com a idade já avançada, registrando a evolução desta produção com o passar os anos. Menciono o nome do artista plástico Danúbio Gonçalves, mas assinalando que aehava muito pouco provável que conseguisse realizar a entrevista, justamente, em função da idade avançada do mesmo. O aluno disse que iria tentar. Passei todas as informações que possuía sobre o Danúbio e as pistas para a sua localização. O aluno conseguiu alcançar o seu objetivo. Este é o destaque da edição. Danúbio está com 85 anos. A capa é uma escultura dele. O resultado final coloca em evidência a qualidade desta turma.

Como parte essencial do espírito do jornalismo como crítica, cabe destacar uma questão desta atual conjuntura do ensino de jornalismo. Estamos na era do fim do diploma, da Fabico (Facul-

dade de Biblioteconomia e Comunicação) em um estágio de modernização material nunca registrado em períodos anteriores, de um currículo voltado para a formação técnica exigida pelo Deus Mercado e por uma estreita relação entre a Faculdade e a principal empresa de showrnalismo do Estado. E tudo com o aval do Sindicato dos Jornalistas.

Com o exercício de 40 anos de profissão, 45 de militância política e quase 20 como professor não pretendo possuir toda a verdade. Devo ter, pelo menos, uma parte dela. O jornalismo que se faz é o pior da história deste país. Isento de um lado só, como diz Mino Carta. Do lado das elites. Deve existir uma relação entre o que estamos ensinando e este jornalismo real.

Não há nenhum texto considerado clássico na história do JORNALISMO que não tenha um sentido de subversão. O que aí está é perfumaria. Secos e mo-lhados. Daí a importância desta edição do jornal 3x4. Pela milésima vez só te-nho a agradecer a oportunidade que me foi proporcionada por esta turma.

*Wladimir Ungaretti*

## Jovens pensam a velhice

A reflexão sobre o tempo. O passar dos anos, as lembranças que constituem uma história de vida e o futuro ainda por vir. As esperanças que não cessam, os sonhos com o mesmo brilho ou a melancolia que sempre esteve presente. A 3x4 desse semestre traz o tema da velhice.

A escolha do tema não foi o problema, fugir dos estereótipos perpetuados pela imprensa foi a condição instituída pelos jornalistas da turma na elaboração das pautas que preenchem essa edição. Edição que pretende o cruzamento de diferentes olhares, jovens, sobre as marcas do tempo, para tanto, olhar crítico. As histórias são de pessoas comuns, e outras nem tanto, que reu-nem as experiências dos anos.

Sob a orientação do professor Wladimir Ungaretti, que nos confiou a liberdade de criação, elaboramos textos que não seguem um padrão, não ficamos contidos em fórmulas, porque afinal a concepção em que trabalhamos é a da subversão. E até mesmo subverter a subversão foi possível, para aqueles que não estão interessados em fugir do jornalismo quadrado.

As abordagens das mais variadas, do ensaio, passando pelo gonzo a reportagem tradicional. A entrevista central traz a figura de um artista que marcou e ainda marca o cenário do Brasil: Danúbio Gonçalves, que gentilmente recebeu estudantes o permitiu que sua obra ilustrasse essa edição.

A principal dificuldade foi a do tempo, não a do tempo que se foi, mas daquele que ainda está por vir, e que, portanto, impede que nós, jovens estudantes, possamos entender a plenitude da sabedoria adquirida por décadas de experimentação. Dificuldade transformada em potencial criativo na entrega dos ansiosos olhares juvenis e das audições, às histórias extraordinárias daqueles que sabem o que é viver, e que transformam suas histórias em legado para aqueles que ainda não possuem a mesma experiência. O nosso agradecimento, e não poderia ser diferente, é a todos que do alto de suas sabedorias e com o tempo a esvaír-se, dispensam preciosos minutos ensinando aquilo que à duras penas, a vida levou anos a ensinar-lhes.

*Comissão editorial*



## Expediente

3 por 4 - FABICO - UFRGS  
jornal laboratório dos alunos da disciplina de  
Jornalismo Impresso III - 2010/1

**Conselho Editorial**  
José Fernando da Costa Júnior  
Sarah Bueno Motter

**Redação**  
Clarice Passos, Daniel Caumo, Diego Paz,  
Diogo Bizotto, Evelin Argenta, Fábio Brito,  
Guilherme Dairet, Lucas da Silva Oliveira,  
Mário Arruda, Matheus de Vasconcellos  
Chaparrini, Renata Spanhol, Teresa Klein

**Projeto Gráfico e Editoração**  
Daniel Caumo

**Revisão**  
Clarice Passos, José Fernando da Costa Júnior,  
Sarah Bueno Motter

**Orientação**  
Wladimir Ungaretti

**Impressão**  
Gráfica da UFRGS

**Agradecimentos**  
à Danúbio Soares, por permitir que sua obra  
fosse fotografada e utilizada na capa, contra-  
capa e sumário desta edição.



RENATA SPANHOL

ARLINDA  
não descuida da aparência

## Beleza à prova de idade

**Quando a velhice chega, a vaidade não pode ir embora.**

todos os dias é motivo para se sentirem inferiorizados. Somando a isso outros aspectos que podem acompanhar a chegada da terceira idade, como a perda de autonomia, a acomodação e a solidão, pode levar muitos idosos a se sentirem diminuídos, tristes e até inúteis. Porém, para muitos outros, olhar-se no espelho faz parte de um exercício diário de cuidados com a aparência que, muito mais do que se preocupar com os fios brancos, busca a valorização da imagem pessoal através do estímulo à vaidade.

O cuidado com a aparência na velhice está intimamente ligado à saúde física e psicológica. Se sentir satisfeito com o nosso próprio reflexo é fundamental para a elevação da auto-estima do ser humano em qualquer fase da vida. Quando estamos falando de pessoas que já entraram na terceira idade, sentir-se bem com a própria imagem torna-se ainda mais importante, pois contribui para uma vida mais feliz e, conseqüentemente, mais saudável.

Olhe-se no espelho. Como você se imagina daqui a 30, 40 anos? Um rosto com linhas de expressão acentuadas? Uma pele sem o viço da juventude? Quem sabe até uns fios de cabelo brancos?

O medo de envelhecer e perder a aparência jovem são sentimentos que acompanham muitas pessoas durante toda a vida. Quando a velhice chega, a auto-estima é colocada à prova todos os dias e, neste momento, muitos idosos se sentem deprimidos. Para algumas pessoas, enxergar sua imagem envelhecida

Para o geriatra Dr. Marcelo Zabaleta ter uma rotina de cuidados com a aparência na terceira idade é fundamental, pois vaidade significa vitalidade nesta fase da vida. Segundo ele, os idosos têm necessidade de se sentirem bem com própria imagem como qualquer pessoa mais

jovem e isso traz benefícios tanto para a mente quanto para o corpo dos idosos, pois quando procuram manter a auto-estima elevada, as pessoas mais velhas tornam-se mais dinâmicas, praticando exercícios físicos e cultivando hábitos de vida mais saudáveis.

Mais do que um dos sete pecados capitais ou uma questão de futilidade, a vaidade acaba sendo um aspecto muito importante à medida que o julgamento mais importante que fazemos é o que diz respeito a nós mesmos. Quando pintam os cabelos, escolhem uma roupa bonita pra sair e praticam exercícios físicos, a pessoa da terceira idade está reforçando sua existência para o mundo e para si mesma. Não é a toa que essas pessoas que chamam a velhice de "melhor idade".

### Sinto-me maravilhosa!

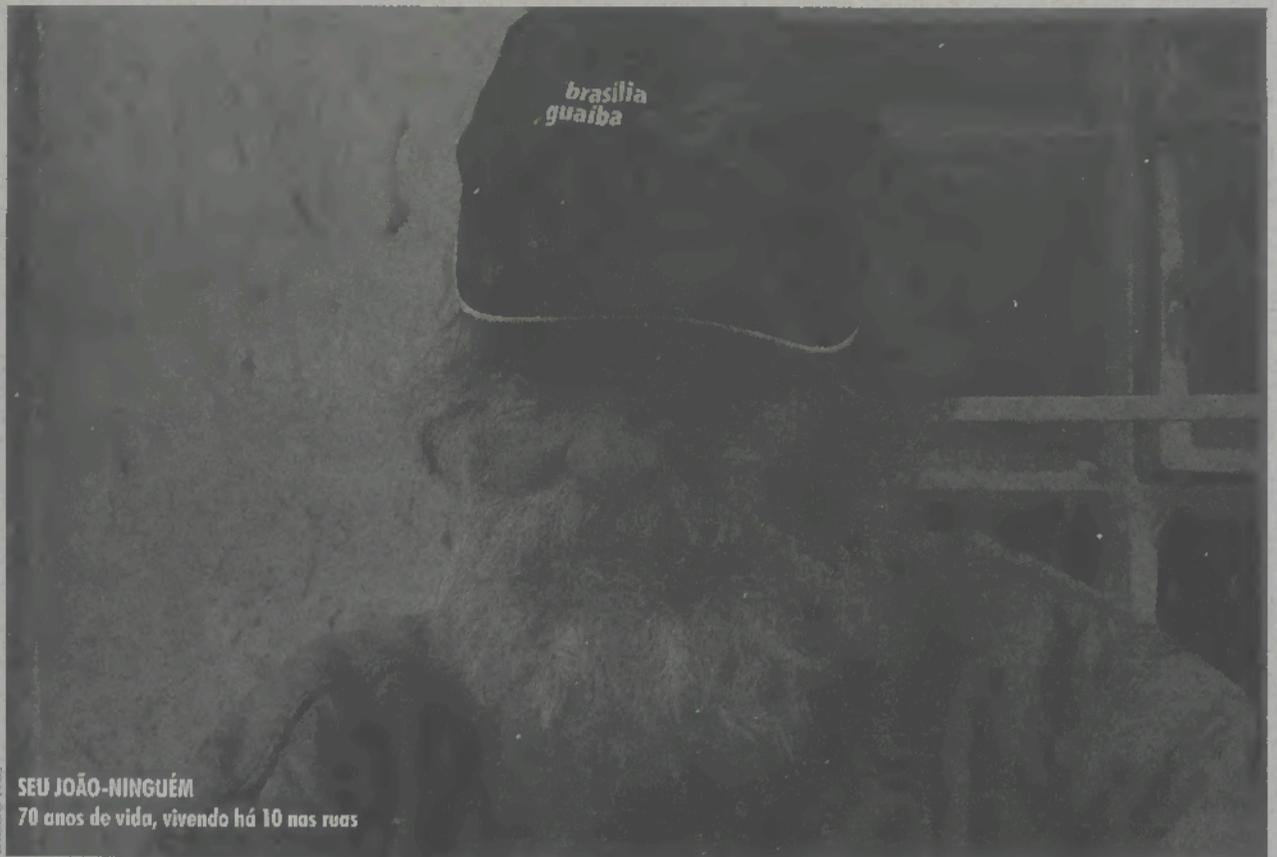
O ritual começa um dia antes. Bobs no cabelo para ele ficar ondulado e esmalte cor de rosa nas unhas. Com glitter, claro. Duas horas antes de sair com as amigas para o baile, é a hora que a arrumação começa. A escolha do figurino é a parte mais demorada para Arlinda Bittencourt, que espalha praticamente todas as peças que tem no armário sobre a

cama para conseguir ver tudo. "Não tenho ideia de quantas roupas tenho, toda semana estou comprando uma blusinha, uma saia, um sapato" diz ela que, aos 65 anos não dispensa um bom decote e um salto alto.

Arlinda é a prova de que é possível encarar o envelhecimento de duas formas distintas: como uma etapa triste e pesada da vida ou como uma forma de aprimorar as qualidades pessoais através da experiência que os anos trazem. Ela escolheu a segunda opção e diz que sente muito bem com a pessoa que se tornou com o passar dos anos: "Gosto muito de mim. A vida é boa de se viver e só não vive quem não quer ou quem não se gosta. Eu me sinto maravilhosa".

Nenhum de nós está livre do envelhecimento, não há como evitar o ciclo natural da vida, mas ser idoso hoje não significa abrir mão da vaidade. Segundo o Dr. Zabaleta, aceitar os cabelos brancos é uma arte e que a vaidade não está ligada à faixa etária: "ninguém quer ser feio ou velho, mas chega um momento na vida que o belo passa a ser o que você tem para passar para aos demais, experiência de vida. Isso torna a passagem pela "melhor idade" bem mais suave".

Renata Spanhol  
renata.spanhol@gmail.com



## *A vida de um anônimo velho das ruas* Envelhecer já não é fácil, envelhecer morando na rua é mais difícil ainda

Velhice. Para senso comum, imagem da velhice é a de um homem curvado de bengala na mão, ou, mais palpável ainda, a do avô: o velhinho simpático que vive em uma casa com conforto e tranquilidade. Para mim, velhice pode ser muito mais lembrado pela associação com aposentadoria, que sempre vai remeter a descanso, ou seja, fazer nada da vida. Só pra constar que nenhuma dessas idéias tem a relação com o velho entrevistado em questão. Descanso não é uma palavra que possa ser associada a esta personalidade.

Avenida Independência esquina com Rua Garibaldi, perto do centro de Porto Alegre. Além do point de boêmios pós-modernos, é a "casa" de um senhor já de idade e cheio de frases espirituosas. Como já o avistara outras vezes pela região, pergunto meio que sem jeito, afinal todo mendigo mora na rua, "O senhor meio que mora aqui, né?", ele responde, "Bem, eu moro em cima da terra e embaixo do céu".

Sentado em uma caixa, dessas que vendem frutas, rodeado de lixo, melhor posto, de seus pertences: papéis, latas e garrafas de plástico, tudo desorganizado em caixas de papelão, sacos de lixo e um carrinho-de-mão de pedreiro, e com um notável cheiro de álcool que come-

çamos a entrevista concedida com um tímido sorriso, de alguém que acha que não tem muito a falar, e um balançar de cabeça em sinal de positivo. "Meu nome é João Ninguém", assim se apresenta o velho de cabelos brancos, barba branca crescida até o meio do pescoço, trajando calças e jaqueta jeans azuis-claros e um boné de cor escura. Seu João tem 69 anos de vida, 70 completados em outubro próximo, e já faz mais de 10 anos que sobre-vive nas ruas. Há 50 anos saiu, com confesso arrependimento, do pequeno município de Garruchos, noroeste do estado, fronteira com a Argentina. Chegando a Porto Alegre, como todo jovem quando chega à idade adulta, se apresentou ao serviço militar. E em um momento mais tarde da vida... "a coisa de-sandou" como ele mesmo disse. Desconfortável a falar no assunto, não quis compartilhar o episódio que sucedeu na sua migração para as ruas.

Já idoso quando foi viver de mendigo, teve que aprender tarde a sobreviver à custa da cata de lixo, que ainda mantém juntando para reciclagem, e, claro, da benevolência das pessoas. Nos dois tem tido, não que possa ser chamado assim, sucesso. Não acostumado a pedir por qualquer coisa aos outros, ele consegue com os moradores da região, comida, agasalhos, cober-

tores e jornais. Afeito à leitura, procura se manter informado lendo o que lhe cair nas mãos, desde os jornais da grande mídia aos periódicos da igreja universal.

Como se não fosse suficiente, todo o infortúnio de ser mais velho, todos os cuidados que se deve ter com a saúde, por vezes ele teve a infelicidade de, no jargão mais popular possível, ser sacaneado por outros. Inclusive outros moradores de rua. Como conta seu João. Fim de tarde, de um recente dia de inverno. Seu João se protege do frio apenas com a roupa do corpo e dois cobertotes. Quando saiu para pegar comida que um dos moradores do bairro oferecera, na volta sentiu a falta de um de seus poucos bens. Enquanto estava do outro lado da rua, ele viu um rapaz, visivelmente pobre também, mais novo, passar e levar os cobertores. Sem poder fazer nada, considerou uma sorte não estar lá no momento, pois temia uma agressão física do seu "companheiro". Agora, no momento mais necessitado, espera por um novo, prometido por uma das senhoras residentes na Garibaldi. É justamente no inverno que complica ainda mais. Sem falar na "friaça" das noites da capital, a chuva é o que mais lhe incomoda. Sem ter como se proteger efetivamente dela, ele acaba passando os

dias com as roupas completamente molhadas, vulnerável a doenças que normalmente afetam minimamente qualquer pessoa, mas que para alguém na situação dele é um porrada na ca-ra. "E a morte? O senhor não tem medo que nessas condições venha a morrer?", pergunto. Conformado com vida e as surpresas, nada agradáveis, que ela lhe trouxe diz: "Ah, pelo menos a morte é certa. Tão certa que te dá uma vida de vantagem".

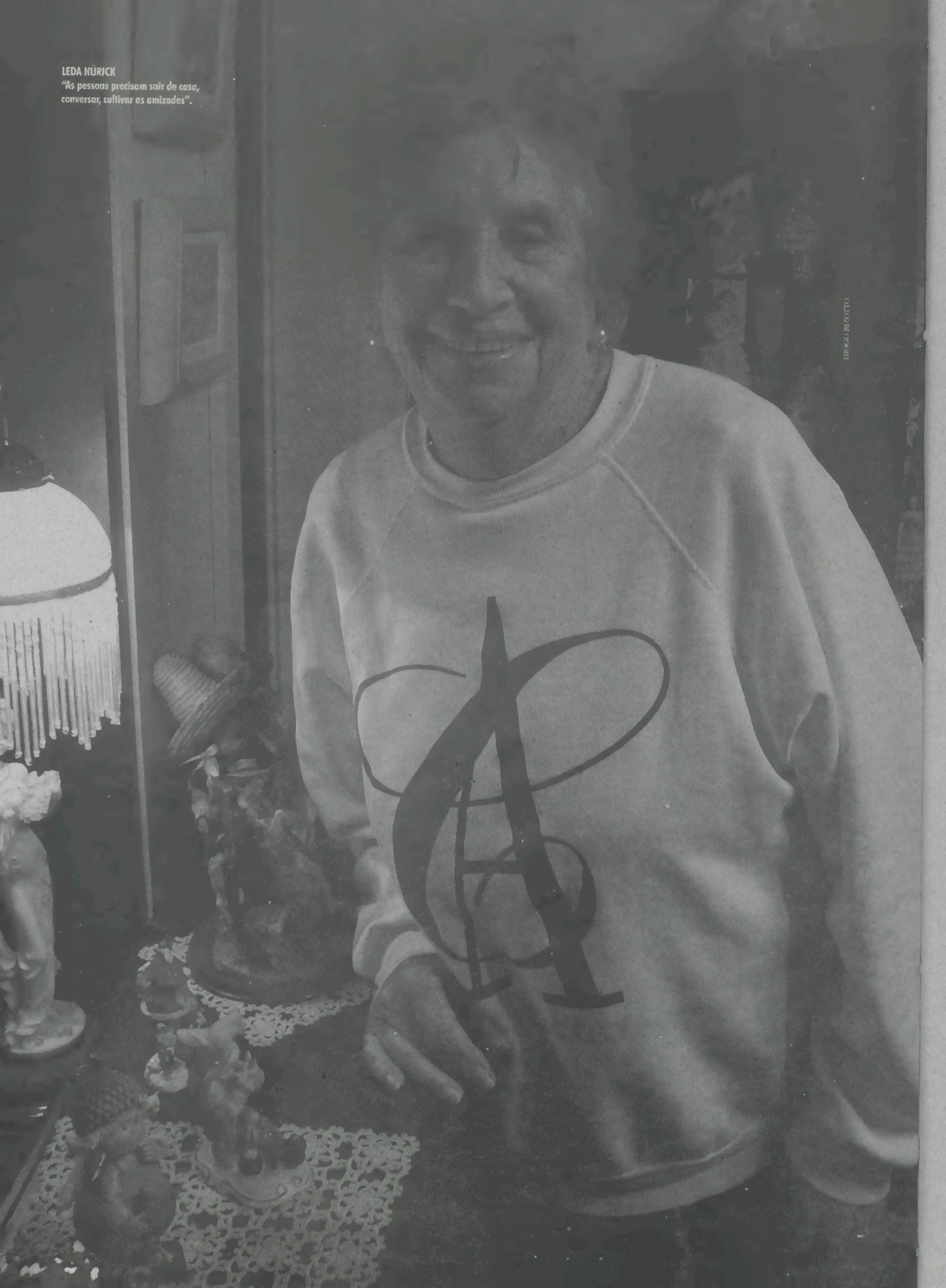
Se a vida para o morador de rua já é difícil com sua luta para fugir do frio, da fome e por vezes, como contou seu João Ninguém, da impiedade humana (ou da sacanagem mesmo), para um idoso é ainda mais árdua: os braços não têm a mesma força, as pernas não têm a mesma agilidade e o corpo não tem a mesma resistência ao frio e à dor. Não é à toa que ele passe a maior parte do tempo com a cabeça encharcada de cachaça. Só assim para agüentar uma condição dessas. Ao final do papo, cumprimentos e a pergunta que encerra essa entrevista "o que o senhor espera para o futuro?", ele olha, pensa por uns dois segundos... "Só espero que não chova amanhã".

Diego Paz  
jupencio@gmail.com

LEDA NÜRICK

"As pessoas precisam sair de casa,  
conversar, cultivar as amizades".

CLAYTON PEREIRA



# Alma atitude positiva para a vida

Leda e Luiz Roberto mostram como aproveitam o 'bônus' que a vida lhes proporcionou

Não é preciso recorrer às estatísticas para se dar conta de que vivenciamos um grande aumento da expectativa de vida. Antes encaradas como consequências inevitáveis do envelhecimento, as doenças e incapacitações em geral não são mais que o resultado das escolhas que fazemos desde o nascimento. Não apenas em relação à saúde física, mas também à saúde mental.

Claro que é difícil se manter afastado dos problemas fisiológicos que acometem a terceira idade. Esse é o ônus para quem conseguiu chegar a essa etapa da vida, tendo passado por um longo caminho que nem todos conseguem atravessar. Mas tanto quanto no corpo, é na mente que se revelam os motivos para uma velhice feliz ou infeliz.

Solidão, depressão, abandono... São males que atingem uma parcela significativa da população idosa em todo o mundo. E, ao contrário das doenças corporais, não existe medicina que dê conta de evitar a manifestação desses sintomas, pois é de dentro de cada um de nós que parte a atitude para viver diferente.

"Muitas pessoas que chegam a certa idade ficam em casa... acham que é só esperar a morte", diz Leda Nürich, de 83 anos, quando questionada sobre a postura de muitos que veem a velhice apenas como o fim da vida. Para ela, a maturidade é a época de fazer tudo o que se tem direito e a saúde permite. Nada de se isolar, essa é a ordem principal. "Vejo que a terceira idade está fascinada com os bingos", diz Leda, referindo-se a um de seus passatempos favoritos: "É ali que vejo como as pessoas precisam sair de casa, mas não para andar na rua por aí, é melhor ir para esses locais conhecidos." Segundo ela, a grande vantagem desse tipo de estabelecimento é, mais que o jogo, a possibilidade de interação com os outros frequentadores. "Não que a gente vá lá para ganhar. Vai lá para sair de casa e conversar, e tu tens uma grande amizade com isso."

Outros encontram maneiras diferentes de manter a alegria de viver.

É o caso de Luiz Roberto Couto, 76, que acredita na independência como estilo de vida. "Na idade em que estou, cheguei à conclusão de que vivo o momento. Eu não planejo o futuro, vivo o hoje." Sua receita é enfática quanto à importância de ter a possibilidade de fazer sua vontade com liberdade. "Usufruo do que trabalhei: como o que quero, bebo o que quero. Gosto da vida livre, independente. Vivo bem, faço minhas extravagâncias de vez em quando, mas conheço meu limite."

Conversando com Leda e Roberto, uma forte observação vem à mente: uma velhice bem vivida parece estar fortemente vinculada à boa condição financeira. Muito mais para poder desfrutar de uma completa autonomia do que para viver com algum luxo e realizar sonhos. "Graças a Deus não preciso de ninguém financeiramente, posso fazer as coisas que quero dentro de um limite", diz Leda, que tem especial predileção por passar viajando o máximo de tempo possível. "As pessoas sempre perguntam: 'onde está a Leda, ela foi viajar?', pois é algo que estou sempre fazendo." Suas andanças incluem a Patagônia argentina, diversos países do continente europeu, além de grande parte dos Estados Unidos. "Não queria morrer antes de conhecer Veneza e Las Vegas".

Roberto credita seu sucesso: "consegui vencer trabalhando e sou um cara feliz pela família que tenho. Não acredito em poupança, acredito na vida." Mas não é apenas isso que mantém seu constante bom humor. "Procuro não me indispor com ninguém; se encontro uma pessoa que não gosto, vou para o outro lado. Acho que toda pessoa amarga gera sofrimento e sofre com o próprio veneno." Preencher o tempo com diferentes atividades também é essencial para ele, que aprecia a música e a leitura, além de ser frequentador de bailões. "Mas o futebol é meu prazer favorito. É a coisa que mais me atrai, assisto todo o campeonato da colônia em Pelotas."

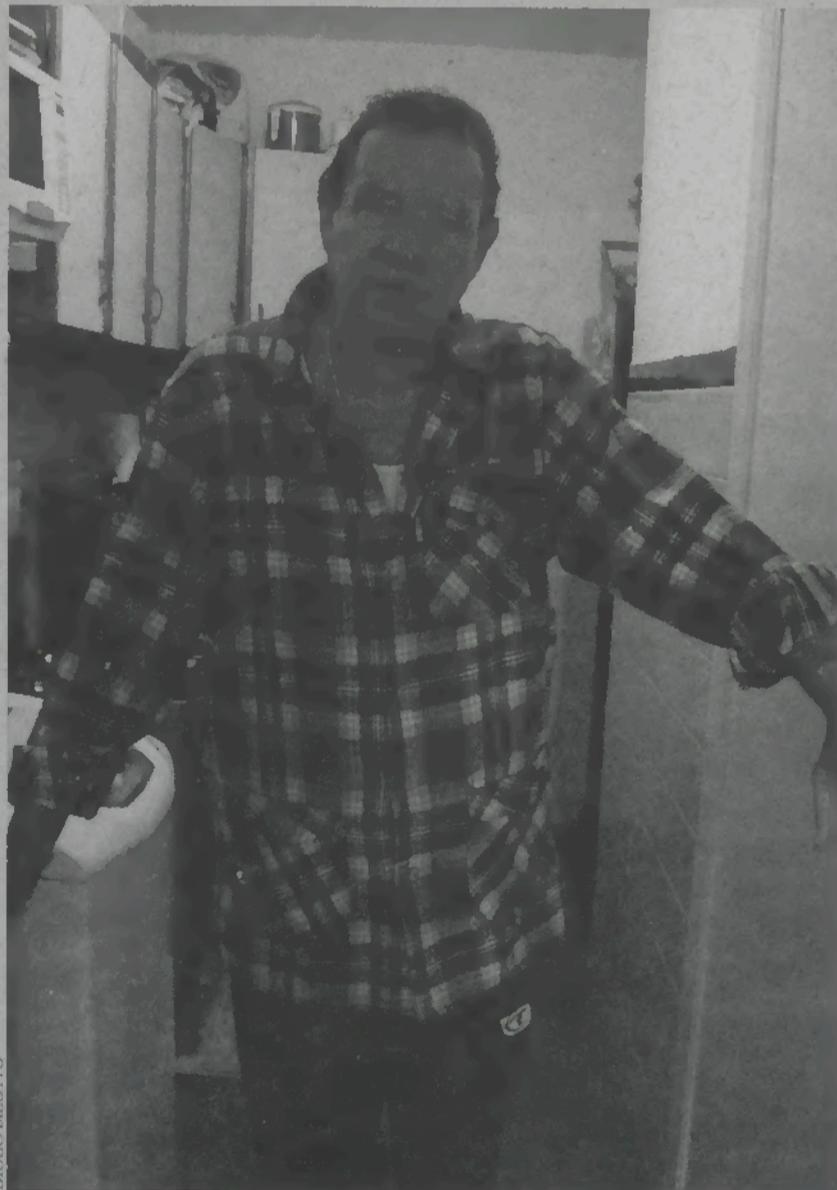
Além de passar bastante tempo viajando e ser apreciadora dos bingos,

Leda Nürich destaca os bailes da terceira idade como um de seus grandes passatempos. "Navegantes, São José, Gondoleiros, Zequinha... tem muito baile, de segunda a segunda, às 15h: Vou sempre na terça, na quarta e no domingo. Às vezes na sexta também!", diz ela, com uma alegria indisfarçável. Vale frisar que quem presencia toda essa alegria e vontade de viver é levado eroneamente a pensar que Leda sempre viveu em um ambiente favorável. "Eu era criança e não sabia o que era carinho. Aos 15 anos fui colocada em um colégio interno por sugestão de minha irmã mais velha, que estava para ter filho e queria toda a atenção de nossa mãe para ela." A senhora de 83 anos completa: "me admiro que

não seja como geralmente são os alemães, antipáticos, que não gostam da presença de pessoas".

Dizer que Leda e Roberto são exemplos de comportamento a ser seguido é uma constatação óbvia. Porém, mais que copiando suas atitudes na velhice, é travando conhecimento com suas posturas no passado que podemos ter ensinamentos preciosos de como levar a vida com uma atitude positiva, levando felicidade e encarando com alegria e sapiência as benesses e as dificuldades. Para assim, como diz Roberto, aproveitar o "bônus" que a vida oferece.

Diogo Bizotto  
diogobizotto@gmail.com



ROBERTO COUTO: "Cheguei à conclusão de que vivo o momento. Eu não planejo o futuro, vivo o hoje".



ANILDO CALONI  
O Pistolo de Ouro

## Soeral: flanando no território dos velhos

Joguei bocha quando piá. Jogava com certa frequência, mas somente nas férias de verão. Veraneava em Tramandaí e um vizinho da minha rua, Seu Armando, era bochador. Certo dia, Seu Armando pôs abaixo a casa e mudou-se para o quartinho dos fundos, ao que se comentava, para fazer uma cancha de bocha no gramado da frente. Ao menos era o que diziam para nós, as crianças, e, de fato, passou a se jogar bocha diariamente ali. O pessoal se reunia aos finais de tarde e, enquanto iam chegando os jogadores, sobrava um tempinho pra gurizada praticar.

Enfim, isso era tudo o que eu tinha, além dessa pauta na mão e um prazo razoável para fazer uma reportagem. O método de pesquisa a ser utilizado – inevitavelmente – seria o do jornalismo flaneur e vagabundo. Passei a ir à cancha da redenção em quase todo meu tempo livre. Como era difícil ver alguém que não tivesse umas três

vezes a minha idade, fiquei meio intimidado de começo. Sentava para assistir as partidas e esperava alguém puxar papo.

\*\*\*\*\*

A bocha é, tradicionalmente, um esporte de gringo. A origem do esporte, mais ou menos como o conhecemos hoje, é da Itália. Acredita-se que o *bocce* seja do período dos Césares. É uma das contribuições dos imigrantes Italianos à cultura brasileira e, so-bretudo, gaúcha. Então a cancha é um festival de Giuseppe, Pelegrinis, Calonis e Argentas. *Tuti bona gen-te*. Mas apesar disso tudo, quem coordena a bocha da Soeral é um missioneiro. Seu Ênio Jesus Falcão garante que se joga muito pras bandas de São Luis Gonzaga: “É difícil achar um bolicho que não tenha uma cancha de bocha ao lado”.

\*\*\*\*\*

A Soeral (Sociedade Recreativa e Esportiva Recanto da Alegria) existe desde 28 de dezembro de 1976 e, hoje, conta com cerca de 400 associados. Além da bocha, joga-se da-mas, xadrez, dominó e carteadado. A Sociedade funciona na Redenção, em um terreno cedido pela Prefeitura, e é sustentada inteiramente com re-cursos da mensalidade de cinco reais por associado. Além da mensalidade, ao se associar, se paga a joia de R\$ 20,00. Mais um detalhe: só são aceitos maiores de quarenta anos.

A sede fica aberta das 8h às 20h de domingo a domingo e o movimento é intenso o tempo todo. Como a grande maioria dos associados é de aposentados, muitos vão todos dias. Alcir José Argenta, presidente da Soeral, conta que alguns – em geral, os mais velhos – chegam a ir de manhã, sair pra almoçar e voltar para jogar a tarde toda. Argenta, recebe as atividades como método de

medicina preventiva: “Têm pessoas com 93 anos que jogam carta e jogam bocha, alguns me dizem que se não fosse isso já teriam morrido”.

\*\*\*\*\*

Lá pela minha terceira visita, conheci um rapaz com pouco mais que a minha idade. Normalmente, os mais jovens – além dos doidos, é claro – são os mais abertos a puxar papo com um desconhecido, como eu. Ele sentou ao meu lado, também sozinho, para assistir a uma partida e lá pelas tantas não se conteve e soltou uma corneteada: “Bah, mas tem uns caras que são ruins mesmo. Pô, jogam todo dia há anos e não conseguem aprender”. Aí começou nossa conversa.

Apesar da idade, ele vai à cancha de bocha todos os dias e, como a grande maioria dos frequentadores, é do interior. “Sempre que tenho um intervalo no trabalho, ou um tempo livre na

*tarde dou uma passada aqui. Até sei jogar, mas prefiro um xadrez. Bocha, gosto só de assistir. E tu? Queres te associar?"*

Falei sobre a matéria. Ele disse que seria fácil conversar com as pessoas. Começou a me explicar algumas coisas sobre o jogo, as regras, os fundamentos e de repente teve um estalo: "O Pistola! É um senhor de 83 anos que joga bocha desde os 10. Já foi o melhor do estado e vem aqui quase todos os dias".

Quando entrevistei o presidente da Associação e o diretor de bocha, pedi indicação de um bochador realmente bom. Anildo Caloni, o Pistola de Ouro, era mesmo quem eu devia procurar. Consenso. Segui indo à cancha, agora com um objetivo definido. E é aqui que começa a matéria.

\*\*\*\*\*

### Anildo Caloni, o Pistola de Ouro

Eu já estava de saída quando o Argeta me chamou e apontou para o senhor que entrava pelo portão: "Aquele é o Anildo". Antes que eu pegasse o gravador, ele já estava me contando sobre a sua longa carreira. Seu Anildo é um baú cheio de boas histórias e depois de meia hora de conversa ficou claro que eram histórias demais para um só encontro. "Se eu for contar as histórias da bocha, desde 1954, vai levar uma semana. Mas vamos contar história, eu acho que a gente tem que falar disso, tu não acha? Depois passa o tempo e essas coisas vão se perdendo", ele baixou a cabeça e soltou uma bela gargalhada entre orgulhosa e envergonhada. Sugerí que nos encontrássemos novamente no dia seguinte.

\*\*\*\*\*

Às 10h30 de sexta-feira, eu chegava ao seu portão. Seu Anildo nos recebeu ao lado da filha que, sabendo da nossa visita, arrumou algumas medalhas e troféus na mesa da sala para nos mostrar. Com tanto ou mais orgulho, ele nos mostrou o seu galinheiro e o pátio muito bem cuidado, onde cultivava bergamotas, limões e laranjas. "Isso aqui é a minha terapia. De manhã, eu só faço isso. Fico trabalhando no pátio e de tarde vou à bocha".

\*\*\*\*\*

### A carreira

Anildo Caloni nasceu em Taquara, em 1927. Começou a jogar bocha aos dez. Disputou campeonatos grandes de 1954 até 1983. Jogando bocha, rodou muito pelo Rio Grande, além de conhecer o vizinho Uruguai e a distante cidade de São Paulo, onde sua fama de grande bochador chegou antes mesmo dele. Foi a São Paulo por um torneio comemorativo dos 50 anos de um grande clube de futebol, que, pela origem do esporte, já poderia se imaginar ser o Palmeiras. Uma semana jogando e o escrete de Caxias, do qual Caloni fazia parte, recebia a medalha de campeão no estádio Palestra Itália.

Quando Pistola começou a competir, ainda não existia um campeonato de nível nacional, o que só veio surgir anos após o auge de sua carreira, que ele data pelos idos de 1962 – quando recebeu o troféu de melhor do Estado. Naquela época, a competição mais importante era mesmo o campeonato gaúcho, o qual ele venceu mais de 15 vezes.

O escrete que representava o Rio Grande do Sul normalmente era formado por Anildo Caloni, Mario Bal-

estrin e Arnadeu Barin. Este último, muito elogiado por Caloni: "Um astro da bocha. Eu ganhei o prêmio de melhor bochador, mas ele jogou mais do que eu".

\*\*\*\*\*

### O vidro, a bocha, o tiro

O rapaz que me comentou a primeira vez sobre o Pistola, contara uma história que me deixou muito curioso. Dizia ele que, nos áureos tempos, ele tinha tanta precisão no tiro – bochada por cima, sem quicar na cancha – que colava um copo de vidro a uma bocha, ia ao fundo da cancha e atirava sem causar nenhum dano ao copo. Quando fui confirmar a história, Caloni deu risada. Era real. Para muitos poderia ser exibicionismo; Caloni achava trivial. Tanto que, certa vez, um homem veio parabenizá-lo por um tiro desses que ele dera em Livramento anos antes, e ele nem sequer recordava.

\*\*\*\*\*

### Caxias

Pistola jogou quase toda sua carreira pelo Clube Independente, de Porto Alegre. Chegou a disputar campeonatos pelo Ypiranga, mas acabou voltando pro clube de origem. Mesmo recebendo um convite para jogar pelo time dos Inativos da Brigada Militar com ordenado de terceiro sargento, trabalhando no seu ofício (pintura automotiva) com duas folgas semanais para treinar, recusou. "Eu tinha amor pelo clube, pela turma que tinha no Independente. Tinha muita amizade lá", explica Caloni.

Até que um dia, Pistola foi parar em Caxias por causa da bocha. Ele conta que o presidente de um clube

da cidade já o convidará em 1954 e desde então tentava levá-lo embora. Em 1963, Pistola foi à Serra para um torneio. Não perdeu uma: "Pegava bocha pra todo lado", relembra. Então o presidente foi taxativo: "Pistola, está na hora de nós falarmos de homem pra homem, o que tu quer pra vir jogar bocha em Caxias?".

"Olha, eu trabalho em oficina...", respondeu Caloni encabulado.

"Eu compro uma oficina pra ti!", retrucou o Presidente.

É assim ele jogou por três anos na serra. Em tempos que ninguém ganhava nada com a bocha, era uma grande proposta. "Hoje em dia para a pessoa jogar um pouquinho, tem que pagar. Eu nunca ganhei nada. A gente viajava para jogar e pagava o hotel do próprio bolso", relembra.

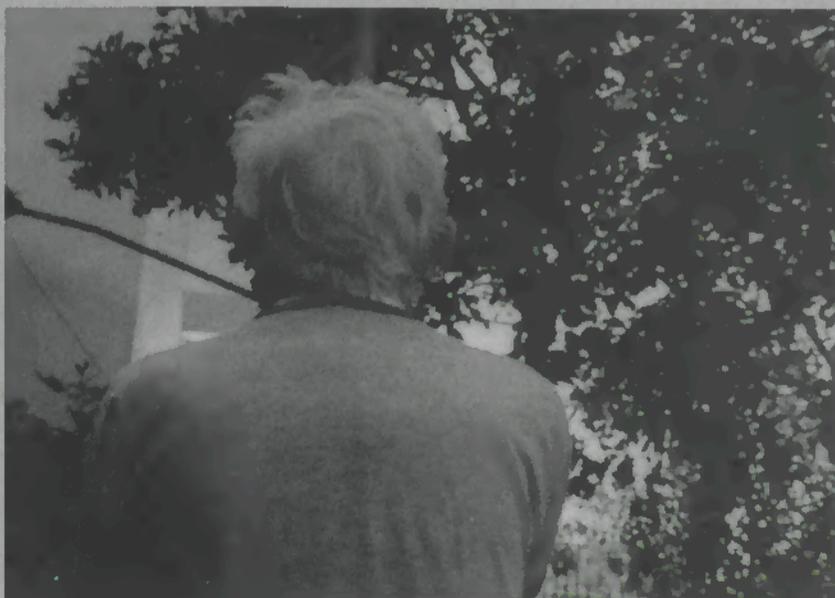
\*\*\*\*\*

Esse caráter amador do esporte vem se perdendo com o tempo, e Seu Anildo Caloni é um representante desse passado. Chegou a melhor bochador do estado, jogando simplesmente pelo prazer. "Eu não tinha nenhuma pretensão, jogava porque gostava".

Melhor do que qualquer façanha, tem gravada na memória perfeitamente uma frase que ouviu de um amigo, chamado Stradivari: "Tu sempre seja assim modesto. Nunca te admira! Deixa os outros te admirarem". Pistola é do tempo do amor à camisa. Um monumento vivo ao esporte dos amantes amadores. Atletas em tempos de profissionalização. Foi uma honra compartilhar as histórias deste grande e verdadeiro atleta. E um prazer conviver com esta grande pessoa. Jornalismo também é contar histórias.

*Matthew Chaparini*  
matheuschaparini@yahoo.com.br

ANILDO CALONI: "Eu não tinha nenhuma pretensão, jogava porque gostava".





Nem só de goles vive a boemia.  
Conversas, danças e galanteios estão nos planos dos tempos

## Velhice e boemia em Porto Alegre

**Um relato GONZO sobre a boemia da terceira idade feito em bares, butecos e churrascarias dançantes**

Daqui a quarenta anos, se vivo, estarei bebendo, fumando, falando alto e contando histórias da minha agitada juventude. Tudo isso acompanhado dos meus amigos de bar, bailão, puteiro. Decidi usar essa reportagem para a 3x4 como desculpa para antecipar tudo isso. Vendo, ouvindo e bebendo.

Comecei no Bar da Tia Vilma, ali pertinho da Fabico (a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS). Copos gelados, toldo aberto, bar cheio. Era uma noite de grande público. Sentamos na rua. O toldo nos protegia da chuva. Mas logo vi que o frescor da rua me impedia de entrar em contato com o calor da co-municação que vinha de dentro do bar e percorria frequentemente todas as mesas num conjunto experiente de velhos de bar.

Propus entrarmos (Daróit e André, companheiros de patifaria estavam junto) para procurar um lugar mais

perto dos experientes do recinto. Nos sentamos numa mesa perto do fundo do bar, onde eu podia ver todos que bebiam ali, conversavam, manifestavam opinião. Fui pedir uma pose pra foto e logo me sentei à mesa de dois velhos e um cara que acompanhava aquela boemia à altura.

João, Paulo e Ademir. O menos experiente era Ademir. Os outros pareciam recém passados dos 60. Não eram VELHOS ainda. Mas sabiam das coisas. Toda quinta se reúnem para cervejada, sinuca, conversa fiada. Pura qualidade de vida.

Logo pedi para participar da confraria por pelo menos uma vez. Era preciso mais conversa.

— Mas aí tem que levar três coleguinhas daquelas que vem aqui. — impôs João por cima dos usuais óculos escuros mesmo depois das 7 da noite.

- Não... lá só pode ir homem. Tem o Carlos que é viado. Mas mulher não pode. - O Paulo com só dois dentes na frente colocou ordem na conversa.

- Mas eu quero ir mesmo. Só em uma pode ser. Quero ver como funciona. Isso é qualidade de vida.

Eles iam pensar no caso. Então voltei à minha mesa. Notei que minha conversa toda estava sendo supervisionada pela sexagenária Tia Vilma, que considera o seu bar como a sua vida. Logo a voz rouca e baixa veio me falar pra não incomodar os velhos. Acho que ela e o Seu Léo (o marido e caixa) se preocupavam comigo e com eles, com o conflito entre as gerações. Mas a cerveja estava lá, ela não precisava se preocupar... E assim fui e vim nas mesas sem problema algum durante o resto da noite.

Nos próximos dias, continuei indo ao boteco quando via os velhos lá. Conheci mais frequentadores. E acabei fazendo amizades de bar. Assim fiquei sabendo das histórias legais, não das que se conta aos netos. O boêmio matutino Fernando, 61 anos (aqui passei a anotar as idades - pura amenidade), me contou que era jornalista. Trabalhou na Zero Hora - onde NÃO tinha liberdade para escrever o que queria, NADA podia ser contra o governo, a dita-dura imperava DENTRO é fora do jornal - além de noticiar mais tarde para a Folha de S. Paulo e para o Estadão. Hoje não trabalha mais. Chegou bêbado demais em casa depois de uma noite boêmia e caiu na escada. Bateu a cabeça. Afundou! De leve. Agora bebe diariamente sua vodka na Tia Vilma trazendo Lênin e Stálin, seus dois Yorkshires.

Lourenço prefere a cerveja. Mas nem é velho na idade, só na sapiência de viver boemiamente, tem só 55 anos. Toma 10 cervejas diárias. Na Tia Vilma. As outras não contam. A fidelidade é tanta que todo dia um bife suculento chega à sua mesa por volta do meio-dia. É sempre como ele gosta. É um filho do bar. E gosta de se manter alimentado. O segredo é comer bem. Pode beber o quanto quiser, desde que coma antes, durante e depois. E no meio dessa filosofia de vida botequeira, o queridinho da Tia Vilma ainda ajuda no atendimento da banca de revistas da frente do bar. Às vezes o dono, o Gilberto de 64 anos, se perde no cafezinho, no feijão no copo, na cerveja, e não nota os clientes.

Nessa convivência diária de boteco, vai se formando uma família dos velhos. Todos eles se conhecem, bebem juntos, contam suas histórias. E tem seus copos especiais, pedem só dizendo "o de sempre!" e aproveitam a vagabundagem plena e inédita na maioria dos casos.

Mas nem só de bar vive a boemia. Fui conhecer um bailão. O professor Ungaretti me indicou a rua Julio de Castilhos e me dirigi para lá numa quarta-feira (um dia que rende uma boa festa e une gente de vários tipos). Mas antes fui ao Mercado Público para achar os velhos e participar do esquentado. Perguntei a um velhinho de voz quase inexistente se ali era o lugar para tomar uma cerveja e ele me confirmou com dificuldade.

Pedi uma mesa e uma cerveja. Fiquei ali sozinho um tempo, mas logo o velhinho voltou. E pediu uma cerveja. Fui até sua mesa e pedi pra sentar. Ele puxou uma cadeira e a ofereceu pra mim. Seu nome era Agemiolo Pinheiro Araújo, tinha 78 anos. Algum tempo atrás sofreu uma cirurgia no esôfago e perdeu sua potência vocal. A voz saía fraquinha e sussurrada e o buraco no pescoço precisava ser tampado para uma melhor performance. Mesmo assim, não parava de falar. Foi pedreiro, conhecia tudo em Porto Alegre, morava sozinho, conhecia várias cidades, São Leopoldo, Sapucaia, Novo Hamburgo, gostava de ficar na praça, parou de fumar há 20 anos, bebia cerveja ou vinho todos os dias - e não contava isso para o médico para não ter que interromper esse ritual. Toda vez que eu falava que estava indo, ele me pegava pelo braço e enchia o meu copo. Precisava de atenção, de conversa. Enquanto isso um negão enturmado gente finíssima, enfeitado com sua boina de cores do reggae, falava para o bar inteiro que fumava o seu baseado e ninguém poderia ensinar os seus filhos a fazerem isso. Exceto ele mesmo.

Enfim fui para o bailão. Era uma churrascaria perto do camelódromo em que se bailava no segundo andar. Quando entrei, todos me olharam. Incrível. Mas logo se perderam nas suas conversas e pedi mais uma cerveja. "Copos quebrados serão cobrado. R\$2,00", dizia um anúncio na parede. Sinal de que o baile é forte. A cerveja estava boa, gelada e assim mais copos eram servidos... Quando percebi entrou a boemia em pessoa: um velho mulato de chapéu branco, terno cinza escuro, andar vagaroso

e classudo. Todos olharam para ele. Deve ser uma prática comum olhar quem chega. O velho continua seu andar até a mesa das mulheres jovens. Fala no ouvido de uma. Vai até outra mesa. Conversa. Volta e leva a mais nova, embora... Quase. Ela volta logo em seguida. O acerto não se concretizou. Mas não afirmo que era um negócio capitalista. Quem sabe algo mais social, em que todos sairiam ganhando...

Segue o baile. A música é um misto de sertanejo, samba, pagode. Tudo ao vivo. E a estrela é a Neuzinha. Do alto dos seus 74 anos, ela canta à noite quase diariamente, cuida de pessoas idosas durante o dia e transborda alegria nas conversas. Pra isso, não precisa mais do que umas cervejas. O álcool é pouco, só pra se soltar, cantar com mais desen-voltura. E com malícia, já que sua praia é o samba e o samba canção. Gosta de Ângela Maria e Nelson Rodrigues. E lá vai ela cantar já. Se junta ao tecladista Mauro, 56, e o baile começa de verdade. Danças, namoros, beijos.

Passsei a falar com todos. Casados, casadas com o(a)s cônjuges acompanhando, sozinhos, sozinhas com amigas na mesa, sozinhos procurando alguém. A maioria conversava com o intuito de uma futura pose pra foto. Queriam saber pra que era, queriam meu celular, meu email, meu site. Passaram a me pagar cervejas e aqui começo a não lembrar de tudo. Viva a cerveja! E eu ainda estava dando atenção para quem normalmente não a tem. Estava sendo quase um repórter filantrópico.

Na saída ainda passei no único boteco aberto do Mercado. Outra cerveja. Só tinha Colônia. Ah, para! O Luís, 61, só vende o que é barato. Uma trakinas pra fechar a noite. Não encarei os salgados mais junkies que já vi. Me parecia que eles andariam até mim de repente... O taxista que conversava com Luís ria do meu relato sobre os velhos.

- Que isso, rapaz? Velho não, é idoso!

Idoso nada. Ser velho é um estado de experiência de vida e não uma idade. É com ele que se pode fazer tudo com a verdadeira vontade, sem se preocupar com os pudores da juventude. É com ele que se adquire a habilidade do gole, da história e do ócio. Boemia de verdade é a de velho.

Maria Arruda

arruda\_mario@hotmail.com

O bar, o boteco, os personagens e a dança. Todos velhos e clássicos



# Pelas ruas de Porto Alegre

## Taxistas contam experiências da profissão

O IBGE constatou que 30,9% dos trabalhadores do Brasil têm mais de 60 anos. Seja por baixos valores de aposentadoria ou por ainda se sentirem aptos ao trabalho estes 5,9 milhões de pessoas ocupam hoje 4,5% dos postos de trabalho do País. A pesquisa ainda aponta outro fato curioso: a maioria dos trabalhadores idosos não tem chefe, quase 40% trabalha por conta própria.

Buscamos um grupo específico destes idosos ainda na ativa: os taxistas. As ruas de Porto Alegre abrigam 3.925 táxis em 168 pontos fixos e 135 livres. Como a maioria não dispõe de veículo próprio, existem mais de 10.000 taxistas na capital. Os taxistas que são donos do próprio carro trabalham entre 10 e 12 horas por dia, e poucos trabalham nos finais de semana. Já os motoristas que alugam o taxi tem o faturamento de apenas 50% do total, por isso, muitos procuram trabalhar também nos finais de semana.

Ainda não existe um levantamento sobre o perfil do motorista de taxi de Porto Alegre, mas nossa equipe pode perceber que eles não são um grupo homogêneo. Existem motoristas com o terceiro grau completo e outros que mal frequentaram a escola; outro ponto chave é que devido ao alto valor de uma concessão, ou "placa" como chamam os taxistas, a diferença entre o dono do taxi e o motorista que apenas aluga o veículo é bastante grande. Para se ter uma idéia, em determinados pontos da capital, uma placa pode custar cerca de 200 mil reais.

Os taxistas trabalham noite e dia pelas ruas e por isso são astutos observadores de nossa realidade urbana. Conhecem cada bairro, cada rua, como o interior de seus

próprios automóveis. Vivenciam situações inusitadas e perigosas, por isso, ninguém melhor do que eles para nos trazer opiniões sobre violência, tráfico de drogas e tantas outras coisas que acontecem nos grandes centros urbanos. E todos que algum dia já andaram de taxi sabem que os taxistas, em sua maioria, adoram dividir suas experiências.

Inicialmente, buscamos taxistas com mais de 60 anos que trabalhavam à noite, principalmente no Centro, nos bairros Partenoon e Menino Deus. Logo de cara percebemos que, devido à periculosidade, dificilmente acharíamos alguém com mais de 60 anos disposto a se expor tanto, trabalhando neste horário.

Em sua maioria, os entrevistados ficaram felizes em poder contribuir com nossa reportagem, alguns poucos, porém, sentiram-se desconfiados ou até mesmo "intimidados" com a nossa presença. Algumas entrevistas foram feitas no ponto de taxi mesmo, outras, devido ao mal tempo, foram feitas por telefone, após o contato pessoal.

Por passarem a maior parte do tempo sozinhos, ou acompanhados de "estranhos", as experiências de cada taxista são muito pessoais. Porém, quando indagados sobre o "por que se tornaram taxistas?" ou temas como violência e trânsito, as opiniões convergiram bastante.

As histórias mais comuns são as de violência, e não seria para menos, conforme dados do Sindicato dos Taxistas de Porto Alegre (Sintaxi), seis taxistas já morreram assassinados no Rio Grande do Sul só em 2010. Jorge Luis Fagundes de 55 anos sabe de colegas que trabalham

à noite e já foram assaltados mais de 40 vezes em um único ano.

Ele diz que foi assaltado apenas três vezes em mais de 17 anos atrás do volante trabalhando apenas durante o dia, e lembra que jamais reagiu aos assaltantes, mas afirma que essa atitude não é tomada por todos os seus colegas, e por isso, muitas vezes, os assaltos tem final trágico.

Já Álvaro Machado de 75 anos narra a curiosa história de seu único assalto em cerca de 20 anos pelas ruas da capital. Depois de inúmeras gargalhadas, Seu Álvaro conta que certa vez havia pegado um jovem casal que queria ir até o bairro Jardim Leopoldina. O jovem disse que possuía apenas 10 reais, e que Álvaro fizesse a corria até onde desse o dinheiro. Seu Álvaro havia desconfiado do casal, e suas suspeitas se confirmaram assim que o jovem pediu para ele entrar em um beco. O experiente taxista não pensou duas vezes: girou toda a direção e se atirou do carro ainda em movimento. O veículo bateu de frente em uma mureta e os dois jovens fugiram levando 27 reais.

Para combater o problema, o sindicato incentiva os taxistas a adotarem cartões de crédito, mas o custo de manutenção de cada aparelho, em torno de R\$ 35 mensais, e a falta de demanda pelo serviço ainda causam resistências entre os associados. Menos de 2% dos 3.925 táxis operam hoje com cartões. Mesmo assim, apesar do esforço da Brigada Militar e do Sintaxi, aqui em Porto Alegre o "corporativismo" dos taxistas é sua maior fonte de segurança.

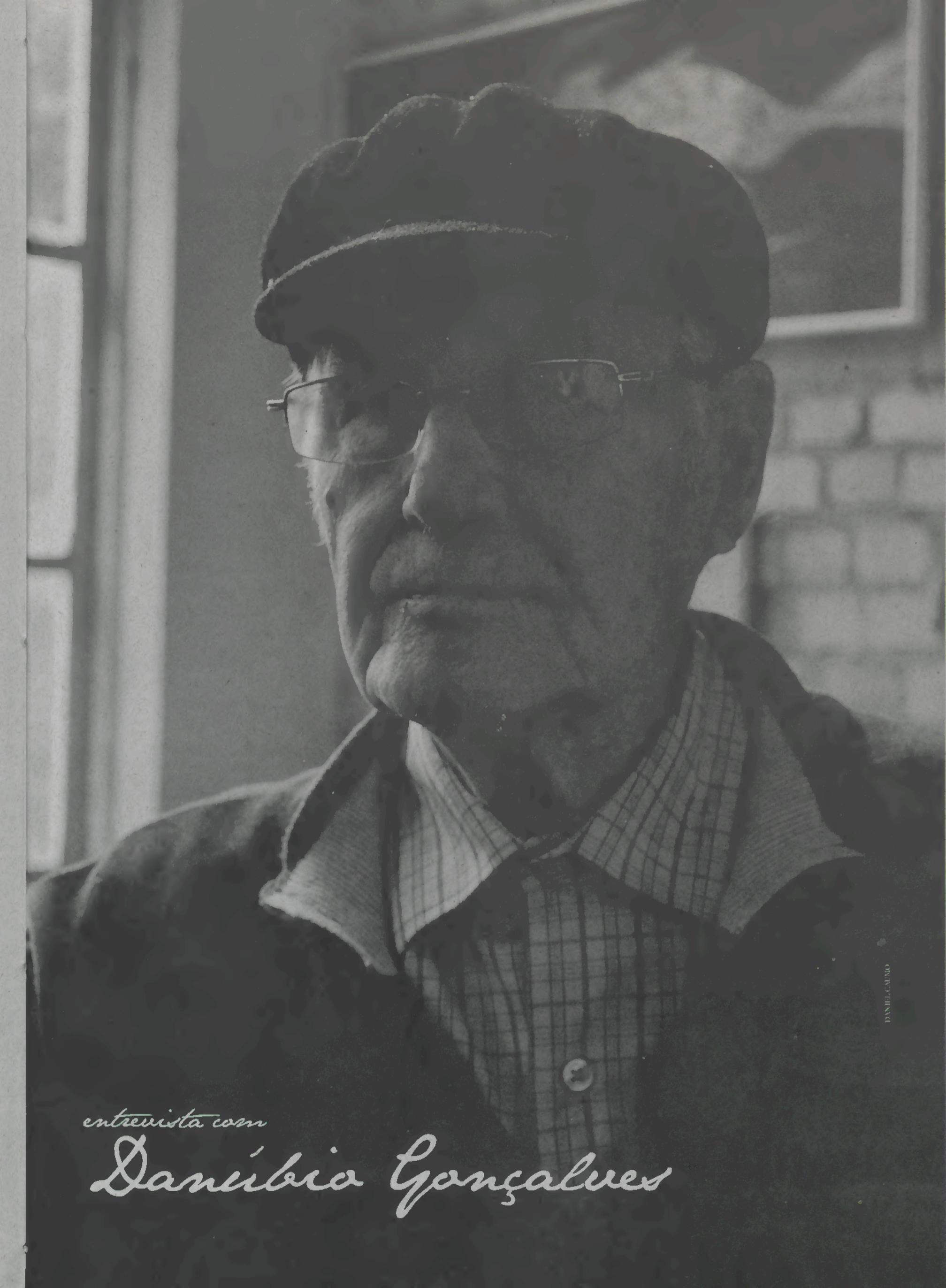
Não existe um "código de conduta" entre os taxistas nem uma "máfia" como muitos acreditam.

Os motoristas apenas ajudam uns aos outros, pois sabem que cedo ou tarde também precisarão de ajuda. Carlos Eurico de 62 anos conta que esse "corporativismo" é coisa dos motoristas mais jovens e que trabalham à noite. Os mais idosos preferem não participar de determinadas atividades de seus colegas. Mas ele sabe também que existem alguns taxistas que são malandros a agem de má fé com os passageiros, mas eles são, sem dúvida, a minoria.

O trânsito, por sua vez, é um enorme catalisador de estresse na rotina dos motoristas. Para se ter uma idéia, segundo um levantamento do Detran mais de 40 mil carros foram emplacados só este ano em Porto Alegre, o que totaliza uma frota de 700 mil automóveis. E todos os entrevistados afirmaram já ter saído mais cedo do ponto devido ao estresse causado pelo trânsito.

De uns anos para cá, a legislação ficou bem mais exigente por parte da Prefeitura, através do trabalho da EPTC. Agora um taxista não pode ter ficha criminal, e precisa passar por cursos específicos para prestar esse serviço. E este é o ponto de maior divergência entre a categoria. Alguns reclamam da "pegação de pé" com os taxistas, em detrimento de caminhões ou carros irregulares circulando pelas ruas. Outros afirmam que o trabalho deles é certo, pois valoriza a categoria. Certo ou errado, os motoristas sabem que o trabalho da EPTC está aí para ficar, e, sem exceção, todos os entrevistados admitiram gostar da profissão e do mercado de trabalho, apesar da violência e do trânsito.

*Fabio Brito*



DANIEL CAIRO

*entrevista com*

*Daniélia Gonçalves*



## O retrato de um artista quando velho

No ano de 1948, a galeria d'O Correo do Povo realizou a primeira exposição em Porto Alegre das obras de um pequeno grupo de jovens artistas sediado na cidade fronteira de Bagé. Tendo no poeta baiano Pedro Wayne e no artista plástico Carlos Schiar seus mentores artísticos, os "Novos de Bagé", como o crítico Clóvis de Assumpção os batizou, eram os gravadores Glênio Bianchetti, Clóvis Chagas, Glauco Rodrigues e Danúbio Villamil Gonçalves.

Natural de Bagé, Danúbio Gonçalves nasceu em 30 de janeiro de 1925. Começou a desenhar muito cedo: já adolescente fazia ilustrações para a pequena revista *Mirim*. Tal como Iberê Camargo, foi estudar no Rio, onde se tornou aprendiz de ninguém menos que o grande Candido Portinari. Entre uma visita e outra a Bagé, conheceu Pedro Wayne, de quem veio a ser amigo íntimo, e se juntou à empreitada artística dos Novos de Bagé.

Seu maior interesse, no princípio, foi o registro das tradições rurais do Rio Grande do Sul em vias de desaparecer com a modernização das estâncias – processo concomitante ao surgimento da onda dos CTGs, que nas décadas seguintes viriam a institucionalizar no estado o culto ao arremedo kitsch da cultura tradicional. É desse primeiro esforço de registro que vêm aparecer algumas séries célebres de xilogravuras, como as *Xarqueadas* (com x mesmo, de 1953) e os *Mineiros de Butiá* (1956). Os ateliês populares de gravura promovidos pelo mexicano Leopoldo Mendez, cuja obra antes tencionava para o realismo socialista então dominante que para a arte vanguardista, foram uma influência importante para sua produção artística desse período.

Sua arte, em mais de meio século de atividade ainda ininterrupta desde o Grupo de Bagé, se desdobrou por temas muito pessoais, já que Danúbio nunca foi adepto das

modinhas artísticas. Seu trabalho abarca do erotismo à crítica social, passando pela abstração, pelo registro de suas viagens e pelo tema do balonismo de Torres, cidade que amou desde jovem. Além de exímio gravurista, é também pintor e muralista. Em suma, um cultor de técnicas artísticas variadas e, não por acaso, um crítico veemente da carência técnica e representativa que, para ele, domina a arte abstrata.

A 3x4 entrevistou este homem cuja vida é sua arte.

**Aos 14 anos o senhor já fazia caricaturas para revista *Mirim*, aos 19 o senhor foi ao Rio de Janeiro para estudar...**

Eu fui com 10 anos para o Rio, em 1935. Nas férias na época de colégio, eu vinha de navio até Rio Grande e lá pegava o trem e vinha para Bagé. Eu ia muito para o campo, tinha estância na época. O Henrique [de Freitas Lima] cineasta está

fazendo um filme sobre minha trajetória, e ele vai apresentar o filme em julho, com essa exposição.

**A produção artística do senhor começou muito cedo...**

Eu desenhava desde três anos, quatro anos. Em casa, as pessoas varriam, botavam todo o desenho fora. Tinha uma mulata, que por questões sentimentais ela guardou desenhos de quando eu tinha cinco, oito anos. Quando eu tinha 30 anos, foi que ela me disse que tinha uns desenhos meus e eu consegui reaver. Essa coisa foi uma surpresa.

**Como foi a experiência do senhor no Grupo de Bagé?**

O Grupo era o seguinte, eu morava no Rio, mas eu vinha sempre a Bagé e lá tinha o Glênio Bianchetti, o Glauco [Rodrigues]. E tinha o Pedro Wayne, que era baiano, mas viveu muito tempo em Pelotas e lá ele casou. E ele foi o mentor

de toda a cultura em Bagé, nosso grupo foi em torno dele, inclusive o filho dele, o Ernesto, que era um ótimo poeta, participou do nosso Grupo. Nós expusemos em Porto Alegre, aí chamaram Grupo de Bagé e daí cada um dispersou, uns foram para o Rio outros ficaram. Então, não continuou esse grupo de gravura.

### O senhor foi um dos fundadores do Clube de Gravura de Porto Alegre também, certo?

O clube de gravura, a origem dele foi no México. Lá eles tinham o Leopoldo Mendez que era um gravador importante. Eles tinham uma espécie de clube de gravura que reunia o Taller de Grafica Popular, congregava artistas gráficos e eles tinham também diversas atividades culturais, publicações.

Voltando da Europa com Vasco Padro e outros artistas, eu inclusive, o Scliar formou o clube de gravura de Porto Alegre, e depois nós o de Bagé que era o mesmo pessoal. E esse clube foi seguido no Brasil e surgiram muitos outros, inclusive no Uruguai. A nossa motivação era o tema de cada região, a temática, o assunto nossas gravuras.

### E como foi a repercussão do Clube de Gravura aqui em Porto Alegre?

O de Porto Alegre, nós expusemos em muitos lugares. Eu estive no México há pouco. Fiz gravuras lá e fiquei impressionado com a cultura mexicana. A capital mexicana tem trezentos e cinquenta museus, mas são museus ativos com muita realização. A cultura deles é muito importante. Eles têm um museu antropológico que conta o México desde a pré-história; um museu fantástico, moderníssimo. Tem a casa da Frida Khalo, tem também a Casa do Diego Rivera e todas essas coisas de arte. Nossa estadia lá foi de uma semana só, mas foi muito intensa, foi muito importante.

### O senhor também filmou cenas do documentário na viagem ao México?

Esse filme que o Henrique Freitas está fazendo, chama-se Grandes Mestres, vai ser um de uma série. Tem mais 5 mil horas de filmagem, agora ele vai musicar o filme. Cada cena foi filmada de três pontos de vista. Ele seguiu minha vida, os detalhes mais importantes. Estou ansioso para ver como ele vai resolver o filme.

### Como foi sua experiência docente?

Eu trabalhei anos e anos como professor. Fui quase fundador do Atelier Livre da Prefeitura. Trabalhei 30 anos, muitos deles como diretor. Além de trabalhar três anos no Instituto de Artes [da UFRGS], mas daí eu me demiti. Eu gostava de lecionar, mas era muita coisa o Atelier, mais o Instituto, para o meu trabalho não tinha tempo. Então, fiquei só com o Atelier Livre, eu ia só duas vezes por semana.

### Quanto à produção do senhor durante o clube de gravura, quais eram os temas?

Os temas que nós fazíamos eram temas campestres. Eu o Scliar, o Glauco, íamos no verão a uma estância que era de um amigo e a gente desenhava direto. Muita coisa do Scliar também foi feita nessa temática e minha também, como gravura. E eu fiz depois as Xarqueadas, que foram um dos trabalhos mais importantes que eu fiz. Levei mais de dois meses desenhando. Mesmo na Argentina, no Uruguai, tinha grande movimento do charque lá, ninguém documentou isso. Então, tinha fotografias de trabalhadores parados, mas eu fiz todas as seqüências do trabalho do charqueador e fiz essa série de gravuras e algumas pinturas também.

### Por que Xarqueadas com X?

O Oswald de Andrade na época tinha dado a idéia para o Pedro Wayne que fez um livro Xarqueadas antes das minhas gravuras, então ele usou com X. Daí eu também usei essa coisa.

O Sr. Pedro Wayne foi uma pessoa que teve muito contato com o movimento de arte moderna de São Paulo. Ele se correspondia com Mario de Andrade. Quando eu o conheci em Bagé, (e minha primeira exposição foi lá quando eu tinha 18, 19 anos) ele foi o primeiro a escrever sobre o meu trabalho, ele gostou muito na época. Daí nós ficamos muito amigos. Sempre me correspondia com ele por cartas, já morando no Rio mesmo. É uma pessoa de muita importância.

### O que o senhor acha da Bienal do MERCOSUL?

Eu acho o seguinte o grande defeito da história é que eles quase não põem artistas do Rio Grande do Sul, a não ser o Iberê, que é sempre o mito Iberê e aquela coisa toda.

Eles jamais fizeram uma homenagem ao Vasco Padro, ao Scliar, que foram artistas de nome nacional. Muitas coisas que eles expõem são até de má qualidade, no sentido de uma arte que é ultrapassada.

O pior da Bienal é que ela tem patrocínio da RBS, da Zero Hora, então não se pode escrever nada contra ou falar. Eu publico no jornal *Fala Brasil*. Ali eu posso escrever o que eu quero. Essas empresas, elas são ligadas a propaganda que elas fazem, então não pode.

### Em que o senhor está trabalhando atualmente?

Eu vou fazer um painel muito grande em Jaguarão. Eles têm um centro de interpretação do pampa e um antigo forte que foi hospital militar que vão transformar num centro de cultura. Mas isso vai levar dois anos. Mas anteriormente eu vou fazer um para Bagé de 3 por 10 metros. Lá tem um centro, a antiga charqueada de Santa Tereza. Quero ver se em setembro começo a trabalhar nisso, pretendo fazer em quatro meses. A inauguração será o ano que vem. Lá tem uma sala para conferências, eu fiz umas palestras, é um lugar culturalmente movimentado.

### Você acha que há alguma forma de apelo popular na gravura?

A gravura tem um fator que é muito importante, ela difunde a imagem, porque ela serviu anos e anos como ilustração de livros. Sempre achei importante a difusão. No meu caso, eu imprimia, fazia tudo. Eu ensinei para o pessoal, eu desenvolvia muito essa coisa, lá no Atelier Livre, porque a impressão não é fácil na litografia.

Eu me aposentei porque eu tinha 70 anos naquela época e era obrigado a ser aposentado compulsoriamente. Eu acho uma lei burra, porque eu estava em condições de trabalhar. Aí eu parei com a questão lecionar.

### A experiência no Instituto de Artes da UFRGS como foi?

Foi uma época em que o conceito de arte era bem diferente do de hoje. Lá se aprendia a desenhar, era outro tipo de orientação que não existe hoje, era uma coisa mais livre. Hoje eles estão mais ligados à teoria da arte do que propriamente o trabalho feito.

Hoje o senhor acredita que a

DANÚBIO  
mostra matriz de uma das xilogravuras  
que compõem a série "Xarqueadas"



DANIEL CAUANO

academia de arte possa formar bons artistas?

Acontece o seguinte, nós estamos numa crise muito grande, é uma crise. As pessoas não aprendem quase a desenhar, manipulam a fotografia por processos. Caiu muito a parte do conhecimento em desenho e antes o desenho era base para tudo. Eu acho que esse período vai passar, o grande público prefere que tenha uma comunicação visual com eles. Eu acho que arte é para todos, se tu passa na frente de um quadro e vai embora e nem liga para ele é que ele não te movimentou, não te fez nada. A arte visual, a arte antiga foi muito figurativa, ela foi toda ela figurativa e acabou num beco sem saída que foi o abstrato.

O abstrato não tem um conteúdo, ele acaba no sentido decorativo, pode ser um quadro bonito e tudo. Se tu pintas uma árvore, tu te identificas com a árvore, você pode fazer a árvore na sua maneira, no seu estilo.

Então, o senhor critica muito a arte abstrata por considerá-la meramente decorativa...

Sim, eu brincando digo assim: meus trabalhos têm círculo, triângulos, enfim, retângulos, como toda a arte tem. Agora se eu virar eles de cabeça para baixo eles ficam abstratos, mas perde o conteúdo; é uma brincadeira.

O senhor conheceu o Iberê Camargo, que na década de 60, afirmou que o clube de gravura de Porto Alegre "não alcançou o plano universal, foi um tardio regionalismo documentário". Ele era muito crítico do que chama-va de "marasmo cultural". O senhor tem ou já teve algum desafeto com ele?

Sim, eu tive. Inclusive, quando ele falou em marasmo, eu escrevi um artigo *Marasmo, sim te quero*, uma crítica gozando a história, mas não botei o nome dele. Aí ele respondeu, e o Gastal, que era o diretor do *Correio do Povo*, disse: "você parem com essa briga, não vou publicar mais". E aí ficou assim. Um dia, eu estava numa exposição, ele veio e me beijou, falou: "vamos parar com essa briga", daí ele veio aqui no meu ateliê.

E ele me disse uma coisa uma vez: que em Londres ele fez uma exposição e não deram importância nenhuma, porque havia muitos artistas como ele na Inglaterra e o Europeu não dava importância a artistas sul-americanos de jeito nenhum, ainda mais do Brasil.

Qual o espaço do erotismo na sua produção artística?

A mulher, para mim, além de ser a nossa mãe, ela foi sempre injustiçada pelo machismo, pelo homem. Ela não teve vez nunca na história da humanidade, hoje ela está se sobressaindo por uma questão econômica,

porque ela não depende mais do marido, do pai.

Como foi o aprendizado com Candido Portinari?

Eu morava no Leme e eu passava numa casa que tinha as janelas abertas e eu via uma porção de quadros. Aí eu soube que Portinari morava ali, daí eu peguei coragem e levei uns desenhos para ele ver. Ele me recebeu muito bem. Eu passei a frequentar a casa dele. O Portinari foi muito importante como pessoa, no ateliê dele eu vi a série dos Retirantes, vi a série da Igreja Pampulha, que ele fez da via sacra. A igreja ficou fechada um ano, porque os padres não admitiam aquela igreja. Quase venderam os quadros da via sacra.

Quem te influenciou dos grandes artistas?

Tive muita gente, porque eu fui passando em fases, o Picasso, a Guernica, depois tive o Diego Rivera, a gravura mexicana. Um pouco de cada um, pois nós somos uma soma. Outra coisa que nós somos acusados de conservadores, ultrapassados, eu digo que eu conservo aquilo que de melhor se fez no mundo, que não foi ultrapassado. O Van Gogh, o Goya, por exemplo, artistas assim que são gênios na época que continuam.

A arte sempre foi prioritária na vida do senhor?

A arte para mim foi sempre mais

importante que tudo. Eu tive namorada de três anos, ligações fortes, tudo. Que larguei porque na época no Rio eu teria que, se eu casasse, trabalhar em publicidade e outras coisas, eu não queria. Então eu terminei. Eu sempre ia para o lado da arte, fui com esse negócio da arte sempre. Eu só casei bem mais tarde, daí nós viemos para Porto Alegre, as filhas nasceram aqui. Outras nunca foram demoradas, quando a coisa estava indo para certo caminho, eu interrompia. Porque eu sempre achei a arte mais importante para mim.

O que o senhor pensa sobre o circuito de artes em Porto Alegre?

Tem muitos artistas bons, que fazem um tipo de arte diferente, e outros não; isso é muito variado. Há uma quantidade enorme de artistas pela facilidade, porque a arte se tornou uma coisa fácil. A pintura, por exemplo, que hoje basta botar uns tijolos e jogar tinta em cima, e eles chamam pintura, começa por aí. A qualidade das produções está muito sujeita há esses fatores todos, que é uma consequência, é difícil de analisar. Lado ruim, lado bom.

O senhor é um artista bem maduro, produz arte há 70 anos. O senhor já tratou do tema da velhice na sua obra?

Não me preocupo com isso, eu acho que na velhice é importante que se chegue inteiro.

José Fernando da Costa Júnior  
fernandocosta00@gmail.com  
Sarah Buena Motta  
sarbm\_81@msn.com

DANIEL CAUMO



# Alma eterna sala de espera

A sensação de entrar em um asilo não é das mais agradáveis. É como se estivéssemos adentrando uma eterna sala de espera, onde apenas alguns serão chamados. E todos ali esperam por uma visita, uma ligação, uma doação em dinheiro ou em tempo. O tempo que para eles já não é tão longo transforma-se em uma eternidade quando não há com quem dividir pequenas novidades do cotidiano.

As paredes brancas do Padre Cacique, o maior asilo público de Porto Alegre, tornam-se ainda maiores quando entramos. Parece que um eterno eco ressoa pelos corredores e salas do prédio centenário. Algumas vozes chamam a espera de uma resposta e outras respondem apenas pelo desejo de serem ouvidas. É assim a vida de quem espera no Padre Cacique.

Grande parte dos moradores não tem contato nenhum com suas famílias. Alguns deles não sabem nem mesmo quando foram deixados ali. Outros, com um sofrimento ainda maior, não lembram quem os deixou. Muitos contam as histórias dos antigos amores, outros não lembram se têm filhos ou netos. Mas todos sabem que sua casa agora é essa, com paredes altas e com a constante entrada de amigos desconhecidos.

Quando alguma visita chega ao asilo, alguns olham desconfiados, na certa se perguntando se será aquele o dia em que alguém irá buscá-los. Outros, no entanto, já têm no olhar a certeza de que é mais um grande amigo de apenas um dia. "Poucos deles vem mais vezes", protesta seu Afonso enquanto joga carta com os companheiros de todas as tardes.

A reclamação dele é a mesma de muitos. Alguns querem apenas paciência e bons ouvidos que escutem sem retrucar ou corrigir as antigas histórias que têm para contar. A maioria delas, infelizmente, de tristeza. São lamentos de quem doou uma vida inteira a quem não soube retribuir. Nas conversas, as palavras "família" e "filhos" são as que mais aparecem, e quase sempre acompanhadas de um sentimento que mistura saudade e rancor.

Dona Zilá, de 89 anos, ainda guarda a foto da filha e das duas netas, embora ela não saiba mais o nome das meninas. Nem mesmo do seu nome ela tem certeza. "Eles guardam nossos documentos e quando pedimos nos mostram, mas me contento com Zilá. Não preciso muito mais do que isso."

Sentada em frente à televisão, ela faz o que mais gosta aos sábados à tarde: conversa com os persona-

gens que aparecem no tubo, como se os conhecesse de longa data. E, de fato, os conhece. A rotina em frente à TV é tão inalterada, que dona Zilá conhece cada apresentador, cantor, ator que passa por ali.

Zilá mora no Padre Cacique há 10 anos e não lembra direito como foi sua chegada, só lembra que as roupas chegaram depois. Ela, como a maioria dos moradores do asilo, gosta da nova casa, da comida e, principalmente, da companhia dos amigos, mas sente falta da companhia da família, aquela que como ela mesma diz "tá no sangue".

Na última década, só recebeu a visita dos familiares por duas vezes, uma delas quando estava doente. Não são boas as lembranças. Ainda assim, dona Zilá, tenta entender a "falta de tempo" da filha e nutre a esperança de vê-la mais uma vez. "Meu maior medo é morrer e ela nem ficar sabendo", diz com a voz embargada.

Medo que seu Antônio não tem. Aos 72 anos, mas com a aparência bem mais castigada, ele diz não sentir falta da família. Ao contrário de dona Zilá, chegou ao asilo por conta própria. Tinha a barba na altura do peito, braços e pernas atrofiados pela falta de movimentação e, ainda mais, estava em depressão. "A mentalidade do brasileiro é

de que as pessoas vão para asilos porque estão nas últimas. Não é bem assim. Aqui me sinto protegido. É o meu lar", afirma. Antes de morar no asilo, esse homem alto e de costas curvadas sobre a bengala era morador de rua e, apesar de sentir falta dos amigos daquela época, não demonstra tristeza ao falar do passado. Ele também não tem nenhuma visita ou contato com a família: "Eu nem sei mais quem eles são".

Essa é a realidade de grande parte dos moradores do asilo Padre Cacique, na zona sul de Porto Alegre. Cerca de 40% dos idosos não têm nenhum vínculo familiar e dependem exclusivamente do auxílio dos voluntários e funcionários da instituição. E a situação não é diferente no resto do Brasil. Atualmente, cerca de 100 mil idosos vivem em asilos ou casas de repouso no país. Ao todo, são seis mil instituições destinadas a esse público. A maioria delas, também, depende da caridade de voluntários para continuar funcionando. As doações, em grande parte das vezes, não são feitas em dinheiro, mas em trabalho ou em visitas diárias ao asilo. Essa ajuda, aliás, é muito bem vinda pelos funcionários e moradores do Padre Cacique que, como Dona Zilá, reacendem o brilho nos olhos quando alguém simplesmente segura a sua mão.

*Evelin Argenta*  
eviargenta@gmail.com

CARMINO JOÃO ESPINDOLA



# Ronei, o vulgo Picasso

O goleiro diferente de sua época

Ronei Paulo Travi, mais conhecido como Picasso, foi um grande goleiro que atuou entre 1960 e 1970. Começou em Porto Alegre, jogou em grandes times e chegou até à Seleção Brasileira. Picasso era um goleiro acima da média: seguro, de ótimos reflexos, sabia sair jogando com extrema facilidade. Com certeza, era diferenciado em relação aos demais goleiros de sua época.

Nascido em maio de 1939, em Canela, na serra gaúcha, começou a sua carreira no Cruzeiro, o Cruzelinho de Porto Alegre, em 1960. Fez seu nome no futebol gaúcho até ser contratado pelo Palmeiras, em 1963, defendendo o alviverde até 1965 – quando o clube era literalmente “A” Seleção Brasileira da época. Foi a primeira vez que a CBD (Confederação Brasileira de Desportos), equivalente à CBF de hoje, por impossibilidade de chamar outros jogadores, convocou uma delegação inteira pertencente a um só time para um jogo amistoso contra o Uruguai. Picasso jogou com lendas como Ademir da Guia e Djalma Santos, na era de ouro do clube paulista.

Após ser emprestado para clubes do interior paulista, como o Prudenti-

no e o Juventus, Picasso foi contratado pelo São Paulo, em 1967. Foi titular nos seus dois primeiros anos, mas acabou indo para a reserva. Quando era substituto de Sérgio Valentim, o goleiro titular, o São Paulo finalmente acabou com o jejum de treze anos sem conquistar o Campeonato Paulista e ganhou o bicampeonato em 1970 e 1971.

Não sendo muito aproveitado pelo tricolor paulista, Picasso seria emprestado ao Bahia. O auge de sua carreira veio no segundo semestre de 1970, quando ganhou o prêmio Bola de Prata da Revista Placar, como melhor goleiro do ano. Nesse ano, jogou a Taça Bola de Prata pelo time baiano.

Teve uma passagem pelo Atlético Paranaense, em 1972. Na ocasião, o time foi campeão do estadual paranaense. No ano seguinte, chegou a Porto Alegre para defender o Grêmio. Foi no clube gaúcho que Picasso começou a dar seus primeiros sinais de abatimento e já ensaiava o seu adeus à defesa dos arcos brasileiros.

*“Diziam que era cego, que não encergava bem à noite, e por isso tomava frangos em jogos noturnos.”*

## Deixando o futebol

Amargurado deixou o clube. No Recife, atuando pelo Santa Cruz em 1976, Picasso deixou de jogar futebol profissionalmente. Mas Picasso não ficou longe do futebol por muito tempo. Em 1978, o Caxias lhe ofereceu o cargo de técnico do clube. O time vivia um dos melhores momentos em toda sua história: disputava o campeonato brasileiro e tinha um bom time. Havia alcançando o 23º lugar de uma competição que envolvia 62 times em 1977. Picasso assumiu em Janeiro de 1978. Comandou o time que tinha como zagueiro Luis Felipe Scolari, que viria a ser campeão da Copa do Mundo de 2002 da Seleção Brasileira, por cinco partidas, perdeu três vezes e empatou duas. Sua demissão veio logo após uma goleada de 5x1 sofrida para o Vasco da Gama em pleno Estádio Centenário. Ronei Paulo Travi deixa o clube sem ter conquistado nenhuma vitória sequer. Carlos Froner assumiria o Caxias logo após e faria a melhor campanha do clube no Campeonato Brasileiro em toda sua história, chegando ao 10º lugar de 74 equipes. Picasso, enfim, se afasta do futebol e inicia uma nova vida. Vai cuidar de suas duas madeiras

que mantinha no interior do Estado do Rio Grande do Sul, uma na cidade de Jaquirana e outra em Canela. Mais tarde, vende as duas madeiras para atuar como representante comercial em Porto Alegre.

## Dias anônimos

Hoje, com 71 anos, Picasso é aposentado. Caminha às tardes nos finais de semana em uma pracinha, perto de onde mora, na Zona Norte de Porto Alegre. Um goleiro que já foi da Seleção Brasileira, hoje quase não é lembrado. Caminha anônimo, vive anônimo e deixou o futebol de lado. O tempo traz o esquecimento e o anonimato, mas carrega consigo a experiência e histórias, boas histórias a se contar. Ronei Paulo Travi escreveu seu nome na história, ergueu taças, recebeu medalhas e faixas. Hoje, cuida da família e de sua casa, como uma pessoa normal, como se o futebol não existisse em sua vida.

Encerro da mesma maneira como começo. *“Picasso era um goleiro acima da média. Era seguro, tinha ótimos reflexos e sabia sair jogando com extrema facilidade, era diferenciado dos demais goleiros de sua época.”*

Lucas da Silva Oliveira  
lucassoliveira\_89@hotmail.com



Em pé: Bené, Tenente, Eduardo, PICASSO, Gilberto, Sérgio, Lima, Édson, Dias, Lourival, Forlán e Jurandir.  
Agachados: Everaldo, Carlos Alberto, Paulo, Terto, Miruca, Gérson, Zé Roberto, Toninho, Nenê e Paraná.

# Forrest Gump

## não morreu

ele apenas envelheceu

Sempre quis ser velho. Não só pelo fato óbvio de ficar velho significar que você não morreu antes do tempo – embora seja uma ótima justificativa –, mas porque sempre quis ter bigode, usar colete, fumar charuto ou jogar bocha, essas coisas que fazem você ser EX-ECRADO pela sociedade caso não ostente uma vasta cabeleira branca ou algum outro sinal de que já se encaminha para o final de sua vida.

Porém, nada disso é tão SENIL e me desperta tanto interesse quanto contar histórias a desconhecidos. Não sei que fenômeno é esse, mas parece que é só a pessoa atingir a idade para tomar a vacina da gripe de graça que, inconscientemente, desperta um FORREST GUMP dentro dela. Já nem sei mais quantas vezes ouvi sobre o barulho feito pela primeira égua que meu pai teve na infância, ou sobre a cadeia hierárquica das câmeras fotográficas antigas do senhor jornalista que compartilha o mesmo bar de estimulação comigo – quase sempre bêbado, o que acentua sua PRO-LIXIDADE.

Mas o paraíso desse complexo de SHERAZADÉ é mesmo a PRAÇA. Entre uma partida de dominó e um chimarrão, é ali que a humanidade sacia sua vontade de falar. Acabo sempre sentado em algum banco no Centro, esperando que alguém, com idade para ser meu pai, venha falar comigo. Sempre com os fones nos ouvidos, óbvio, para me fazer de difícil. Só gosto de ouvir quem quer MUITO falar, mesmo que tenha que superar os OBSTÁCULOS causados pela juventude, essa safada.

Mais ou menos como esse senhor, Osvaldo, que já sentou ao meu lado me xingando. Demorei a entender o que se passava, com o volume alto do Local Natives me privando da audição. “No meu tempo as pessoas conversavam, não ficavam ouvindo música”. INTIMADO de tal forma, desliguei o mp3 e comecei a DIALOGAR com ele, tudo o que eu queria – e

ele também, acho.

Não deu cinco minutos e aquela figura PITORESCA, de chapéu panamá, mala de viagem e POCHETE, já havia me contado tudo sobre como as MODERNIDADES destruíram o mundo perfeito. O trânsito caótico, a antipatia das pessoas, o tempo corrido, a venda de jogadores e mais alguma coisa envolvendo MULHERES – que eu não entendi muito bem e fiquei com vergonha de perguntar – despertavam a tristeza no coração que batia por trás daquela POR-TENTOSA barriga. Só a Providência não foi DILACERADA naquela tarde: “Sempre sonhei receber sem precisar fazer nada”, disse rindo.

Mas nada ARDE mais nas lembranças de seu Osvaldo que o carnaval. FOLIÃO mais ou menos desde o nascimento de Jesus Cristo, acabou largando o hábito no século XXI. “Hoje em dia carnaval em Porto Alegre é só desfile de carro e meia-dúzia de gente empacotada caminhando. Não sei que graça essa gente vê nisso.”

Graça seu Osvaldo via mesmo era no carnaval-arte das TRIBOS – ele ainda se diz um COMANCHE –, aos poucos destruído pelo carnaval-de-resultados das Escolas de Samba. A pior relação gaúcha com o Rio de Janeiro desde a ida de BRIZOLA para a terra do Pão de Açúcar, segundo ele, que, pra piorar, lamenta ter feito parte das duas.

Não lembro bem dos DETALHES, expelidos pelo meu amigo de banco de praça de forma ASSUSTADORA – a idade deve fazer bem pra memória também –, mas seu Osvaldo jurava ser responsável DIRETO pelos títulos da FINADA Trevo de Ouro, escola de samba do Centro de Porto Alegre, na década de 60. Diz ele ter sido o criador dos sambas que levaram a cidade ao completo ÊXTASE naqueles dias, e que garantiram as TAÇAS para a escola. Fui, inclusive, BRINDADO com alguns trechos das músicas, que falavam sobre revistas, Es-



SEU OSVALDO, mais um na multidão. e PRAÇA, a verdadeira casa do povo.

panha e Zumbi dos Palmares – não juntas, necessariamente – e que colaboraram para o ENRAIZAMENTO de tal tipo de AGREMIÇÃO em nossa PROVÍNCIA.

Em tão nobre ESTABELECIMENTO, seu Osvaldo afirma ter conhecido ALCEU COLLARES, grande BALUARTE da Trevo, que se tornou seu grande amigo. Tanto que o levava a encontros CONFIDENCIAIS com Leonel Brizola, então governador deste Estado, num dos quais teria pedido a opinião dos dois sobre a sua vontade de MIGRAR para a GUANABARA. “Devia ter acorrentado ele ali mesmo e não deixado sair nunca”, me contava o amargurado sambista.

Depois, nos anos 80, já DESILUDIDO com o samba e as FESTAS POPULARES, trabalhou para eleger seu amigo prefeito e, mais tarde, governador. “Sempre quis ver um NEGRÃO no poder, ainda mais um que fosse meu amigo!”. Ganhou inclusive um cargo relativamente grande e de nome difícil nas administrações, que eu não lembro mais. Mas, com o tempo, se afastou do ex-governador.

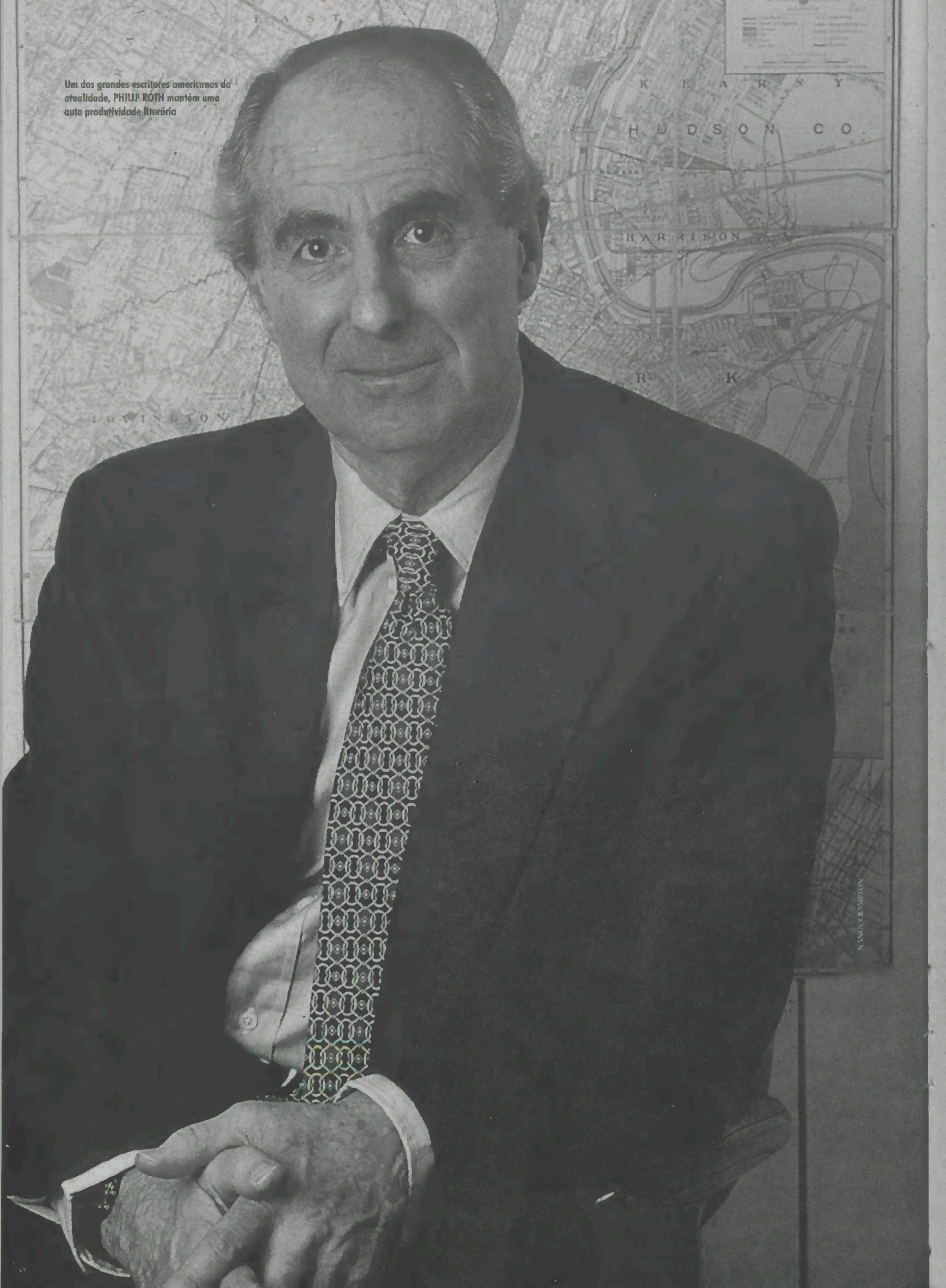
“O problema era a Neuzza”, diz ele. Ficou sem emprego, não tinha família e gastou quase todas as ECONOMIAS em bebida nos bares do centro. O resto desperdiçou.

Agora sai por aí, com uma mala nas costas, vendendo MUAMBAS trazidas do Paraguai. Quando o meu amigo Rodrigo Ferreira, meu FOTÓGRAFO de plantão, pediu para tirar uma foto dele, fez-se o caos. Levantou, saiu correndo e nem se DESPEDIU – o que não impediu nosso VIVAZ amigo de CAPTURAR a imagem de seu Osvaldo.

Depois, EMBASBACADO, cheguei em casa e, movido pelo ÍMPETO jovem, joguei tudo no GOOGLE. Não existe registro nenhum de algum OSVALDO na vida de Collares, da Trevo de Ouro e nem na composição dos sambas CAM-PEÕES. Mas também, que se dane. Certas histórias não precisam ser VERDADEIRAS para serem REAIS. Quando eu envelhecer, já sei, quero ser mais um Osvaldo.

Guilherme Daiton  
emaildodaiton@gmail.com

Um dos grandes escritores americanos da atualidade, PHILIP ROTH mantém uma alta produtividade literária



NANCY CAMPTON

# Um massacre chamado velhice

Com uma abordagem crua e sem meias-palavras, o escritor Philip Roth aborda a velhice com originalidade

Melhor idade? Certamente, nos livros de Philip Roth, não é essa a visão sobre a velhice que impera. O escritor norte-americano de 77 anos que teve seu trigésimo livro, *A Humilhação*, lançado em maio de 2010 no Brasil, apresenta um painel não muito agradável da terceira idade – pessimista e mal-humorada para alguns, realista dirão outros.

Nascido na cidade de Newark, Nova Jersey, em 1933, Roth pertence à segunda geração de sua família a nascer nos Estados Unidos. Seus avós, judeus europeus, vieram na leva emigracional que chegou ao país durante o século dezenove. A identidade de judeu e a cidade de Newark, em especial o distrito de Weequahic, são temas que marcaram quase toda sua obra. Apesar de rejeitar o rótulo de escritor judeu, colocando-o ao lado de outras classificações como literatura afro-americana ou feminista, que serviam apenas para fortificar uma agenda política, Roth é um dos autores que melhor conseguiram colocar no papel os temas e angústias dos judeus norte-americanos.

Vencedor de vários prêmios e o único autor a ter sua obra publicada em vida na Library of America, Roth vem sempre sendo cotado para receber o Nobel de Literatura. Anualmente, é deixado para a trás. Mesmo com a “esnobada” da Academia Sueca, a obra de Philip Roth é considerada excepcional por muitos. Como afirma o escritor e doutorando em Letras pela UFRGS, Pedro Gonzaga: “Dos autores vivos e em atividade, Philip Roth, e talvez Mario Vargas Llosa ou John Coetzee, sejam os mais interessantes. Mas nos Estados Unidos, não consigo pensar em nenhum outro autor que tenha a importância dele”.

Entre os temas mais comuns em seus livros estão a finitude humana e a sua contrapartida, o sexo. Em Philip Roth, sexo é o motor essencial da vida. E sua abordagem crua é um tapa na cara de uma sociedade puritana como a norte-americana. Amoral, misógino, preconceituoso são muitos os adjetivos que seus detratores utilizam para caracterizar sua prosa. Seus admiradores têm outra visão. “Sem dúvida eu

vejo como virtude a capacidade de Roth construir personagens masculinos. Ele escreve como muito bem sobre a dificuldade da relação com a mulher devido às camadas de convenções, de acomodamentos e do cerceamento do politicamente correto”, afirma Gonzaga ao analisar uma das características mais caras a esse autor. Certamente personagens como o professor David Kepesh, o escritor Nathan Zuckerman e o titereiro Mickey Sabbath entram entre alguns dos mais memoráveis da literatura mundial.

## A velhice em Philip Roth

De acordo com Gonzaga, essa temática, junto com a abordagem da mortalidade, começa a tomar um lugar central em sua obra a partir de *O Teatro de Sabbath*, em 1995. No livro, Mickey Sabbath, um titereiro artificial aposentado que tem como principal ocupação transar e pensar sobre transar. Ainda que o corpo esteja alquebrado, Mickey resiste de sua maneira peculiar. Como Michelle, mulher de seu amigo de anos, Norman, afirma: “Você tem o corpo de um velho, o passado de um velho e a força instintiva de um menino de dois anos”. Esse personagem enfrenta a finitude com o que há de mais humano. “O sexo não é um escapismo, mas como elemento de sobrevivência. Tu aceitas a morte, mas também cria um modo de lográ-la, pelo menos do ponto de vista físico”, afirma Gonzaga.

Essa visão da velhice, junto à abordagem não romantizada da decadência corporal é a tônica de seu trabalho. Algumas descrições chegam à escatologia. Nathan Zuckerman, alter ego de Roth que aparece a primeira vez no livro *The Ghost Writer* (1979) e é o narrador da Trilogia Americana, chega ao último romance de sua saga, *O Fantasma Sai de Cena*, sofrendo de incontinência urinária, em decorrência de um câncer de próstata. Mesmo com essa condição física debilitante, o desejo se mantém intacto e ele acaba por se envolver com uma jovem escritora.

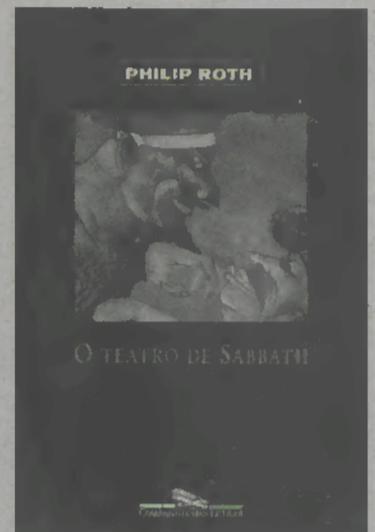
Ao lado desses personagens que, mesmo com o corpo decadente, mantém o desejo aceso e com isso consegue enfrentar a inevitabilidade do fim, o personagem de *O Homem Comum*, que, ao representar todos nós, nem mesmo tem nome próprio. “O enfoque desse livro é simplesmente do destino da morte em si. Qualquer que sejam as tuas preocupações ou o tipo de vida que tu levar, diante da morte é indiferente, não há como escapar”, analisa Gonzaga. O personagem não luta contra a morte ou a enfrenta frontalmente como outras personagens, ele tenta apenas fugir dela. Como Roth afirmou no momento do lançamento do livro, conhecemos esse homem por suas doenças – que são várias, desde a juventude. Entretanto, quando ele menos espera, através de uma cirurgia secundária, ela o acaba encontrando.

Mesmo que muitos busquem, não existem cirurgias miraculosas ou elixires da juventude que garantam a juventude ou um corpo completamente funcional durante toda vida. Entretanto, mesmo esse corpo decaído ainda tem acesa, como o personagem David Kepesh fala em *O Animal Agonizante*, a “bestialidade do desejo”.

Ao abordar um tema tão complexo e, para muitas pessoas, complicado como o envelhecimento, muitas vezes se caem em dois extremos. De um lado, a autocomiseração e a (falsa) ideia de que pessoas idosas não desejam, não transam, não se apaixonam; de outro, a exaltação desse período da vida sem levar em conta todas as limitações existentes – até novas partes do corpo começam a aparecer: próstata, ciático. Philip Roth não cai nesses extremos ao abordar a velhice masculina. “É inegável que o processo de envelhecimento acarreta cicatrizes internas e externas e em nenhum disso se transforma em piçguice ou lamúria. Os personagens decidem enfrentar a morte com as armas que tem”, completa Gonzaga.

Clarice Passos

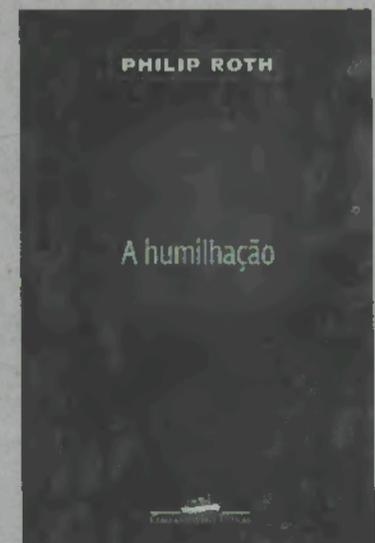
clari\_passos@hotmail.com



Considerado por muitos o melhor livro de Roth, *O Teatro de Sabbath* é onde o autor começa a abordagem a temática do envelhecimento



O último livro protagonizado por Nathan Zuckerman apresenta a decadência física do alter-ego de Roth



O mais recente livro de Roth mantém o tema dos últimos lançamentos: a velhice

# Amor e Paixão: serão mesma coisa?

se for, eles não pagam...

Apaixonar-se depois de uma vida inteira ou continuar apaixonado após décadas de convivência. Independente do caso, o amor e a paixão completam a vida de muitos daqueles que já passaram dos 60 anos ou estão perto deles. A terceira idade é o momento para dedicar-se inteiramente ao companheiro, ou companheira, ou simplesmente aproveitar a vida e conhecer gente nova. Solidão e nostalgia são palavras que não existem para estas pessoas, que dizem aproveitar mais do que muitos jovens por aí...

Para a aposentada Juçara Coelho Pereira, 64 anos, questões como o sexo ficam ainda melhores e, segundo ela, quando se encontra alguém disposto hoje, é outra coisa! "Eles têm mais experiência, quando eram jovens, eles eram muito ligeiros, agora eles sabem fazer melhor". Juçara quebra todos os preconceitos e tabus, afirmando divertir-se muito mais nessa idade, afinal, diz ter aprendido que a mulher também tem o direito de ser livre. Entretanto, ainda há machismo tanto por parte de homens quanto de mulheres, e por isso nem sempre há homens esclarecidos que seguem o ritmo de Juçara. A grande dificuldade para ela está em encontrar alguém a sua altura, já que nem sempre os de sua idade conseguem acompanhá-la e, diversas vezes, os mais jovens não tem a experiência necessária. Mas ela afirma que não tem problemas e que sempre tem algum "casinho", um conhecido com quem de vez em quando se encontra. Contudo, ela não sai por aí para ficar, apenas para divertir-se com os amigos, pois é triste encontrar alguém interessante. Ainda diz que a maioria dos homens de sua idade prefere as mulheres mais novas, o que dificulta bastante.

Apesar de, com o passar dos anos, as pessoas ficarem mais retraídas, Juçara não se inibe ao contar para as amigas o que pensa e o que gosta. Total independência, liberdade e criatividade são algumas das coisas que tornam o amor e o sexo ainda melhores. "Eu não tenho vergonha, a vida me fez assim. Casei com 16 anos e me separei com 20, aprendi a me virar sozinha com três filhos pequenos, nascidos no mesmo ano. Não dou bola para cara feia." Sair para passear e, acima de tudo, viver muito bem são as suas metas: "quero viver a minha vida bem, não quero me preocupar com a morte". Para Juçara, nenhum assunto é tabu, afinal aquilo que ela ainda não provou, ela disse que está provando ou logo irá provar. Para Juçara, o sexo está muito melhor!

Em contrapartida, para a costureira Maria Aparecida Almeida, de 69 anos, nada muda. A emoção de estar com alguém especial e de conhecer gente nova ou, inclusive, de apaixonar-se é a mesma de sempre. "A única diferença é que na juventude é mais no 'oba-oba' e que, quando se tem mais maturidade, a pessoa fica mais segura". Com a casa sempre cheia e finais de semana repletos de festas, churrascos e passeios, a viúva afirma que o sentimento ainda é o mesmo.

E para os eternos apaixonados? O ex-professor da UFRGS e engenheiro Athos Stern, 77, está casado há 47 anos com a escultora Cláudia Stern, de 66 anos. O aposentado conta que há diferenças sim no amor de antes para o de agora. "Com o tempo vamos ficando mais dependentes um do outro. Viajar sozinho, ver um pôr-do-sol, ver uma bela paisagem, nada disso tem graça sozinho." Mas assim como o companheirismo aumen-

ta, os ciú-mes diminuem, já que se tem mais confiança.

Todavia, tanto tempo de casamento não é fácil e entre altos e baixos o amor se mantém. Mas para isso o ex-professor destaca que é necessário o respeito, a fórmula para qualquer casamento. "Nenhum casamento é um mar de rosas, acho que o casal que não briga não sente um grande amor, uma discussãozinha às vezes faz parte". Outro ingrediente crucial, ele ainda lembra, é fazer-se um bom marido: respeitar a mulher e admirá-la, afinal, segundo o que ele mesmo diz "quem não admira, não ama".

Mas afinal, o que é amor? Sua definição é simples: é o prazer de se estar com ela, o mais puro prazer, esta é a melhor palavra para definir. Mas quando perguntado sobre as marcas deixadas ao longo dos anos ele não hesitou. "Tenho a sorte de ter uma esposa linda, com uma cinturinha de causar inveja em qualquer mulher!". Apesar de ele afirmar que hoje o amor está mais calmo, nada diminui a vontade de ficar com sua esposa, sua admiração e o fato de querer acariciá-la. E não só nisso fica esse companheirismo, o engenheiro aposentado já ajudou sua mulher na construção de estátuas, de forma que sua afinidade extrapola o emocional. "Ambos estão envelhecendo e a pessoa tem que compreender que aquilo é uma história, história da vida".

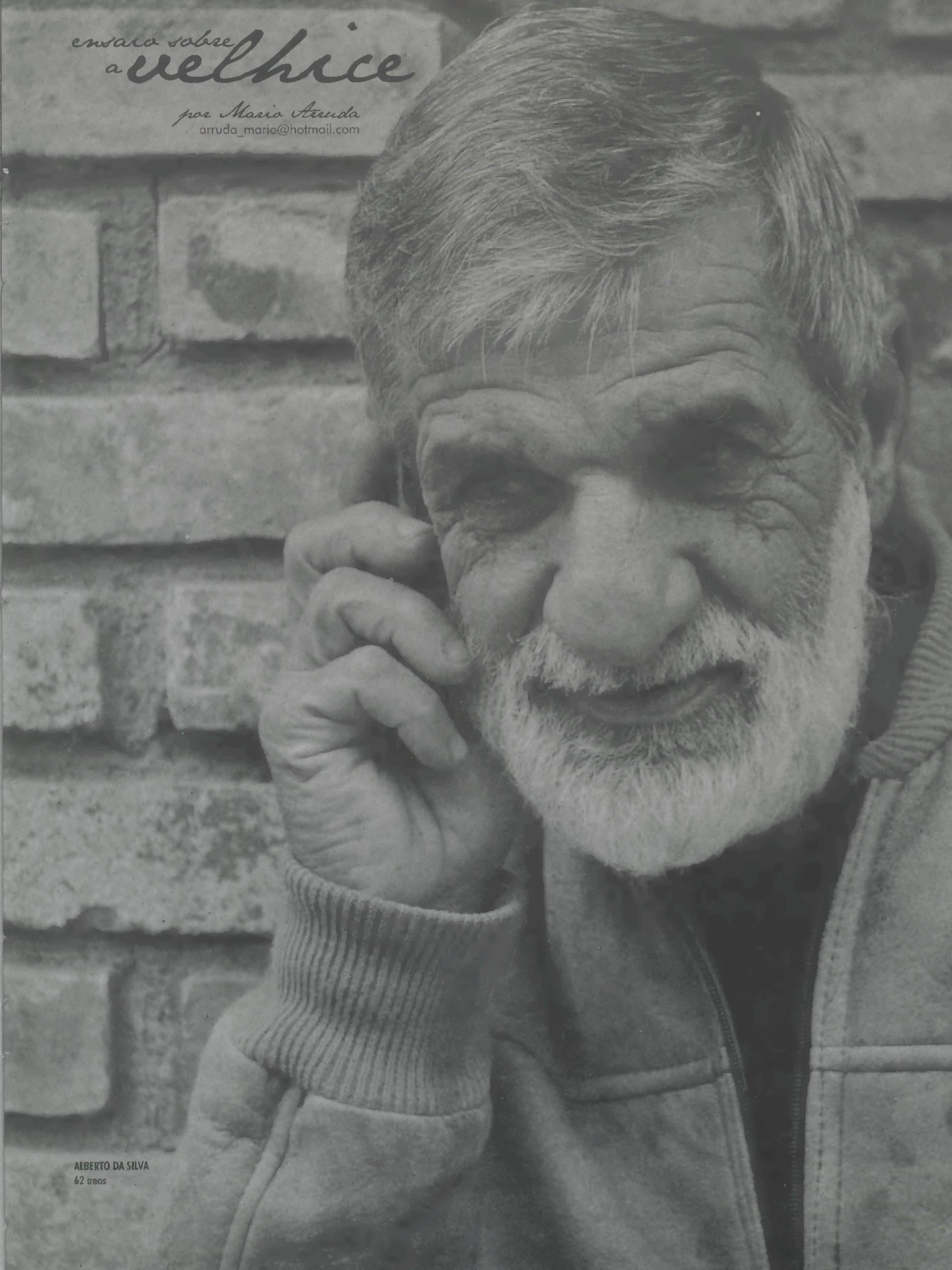
E por que não viver um grande amor? O coração não envelhece jamais e, ainda que seus tecidos possam vir a se desgastar, pelo visto, nada muda em seu conteúdo.

*Lucia Klein*  
teresaklein@ymail.com

ensaio sobre  
a *velhice*

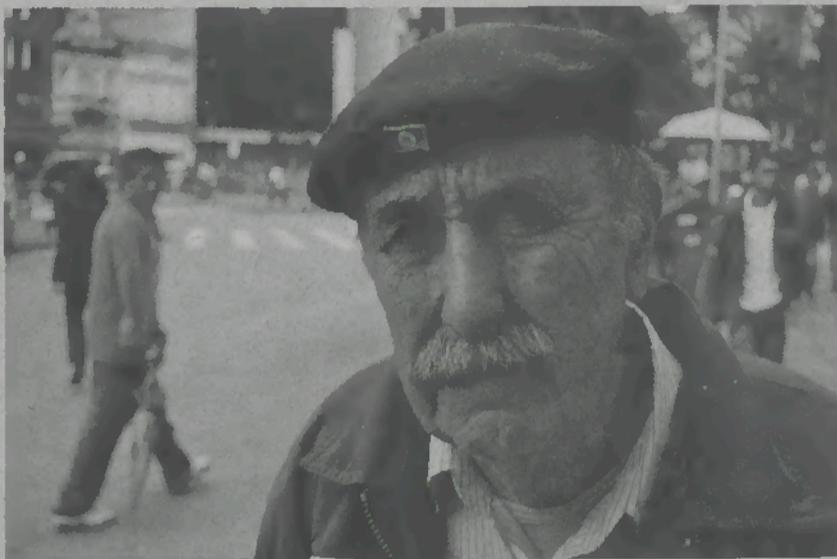
por *Mário Arruda*  
arruda\_mario@hotmail.com

ALBERTO DA SILVA  
62 anos

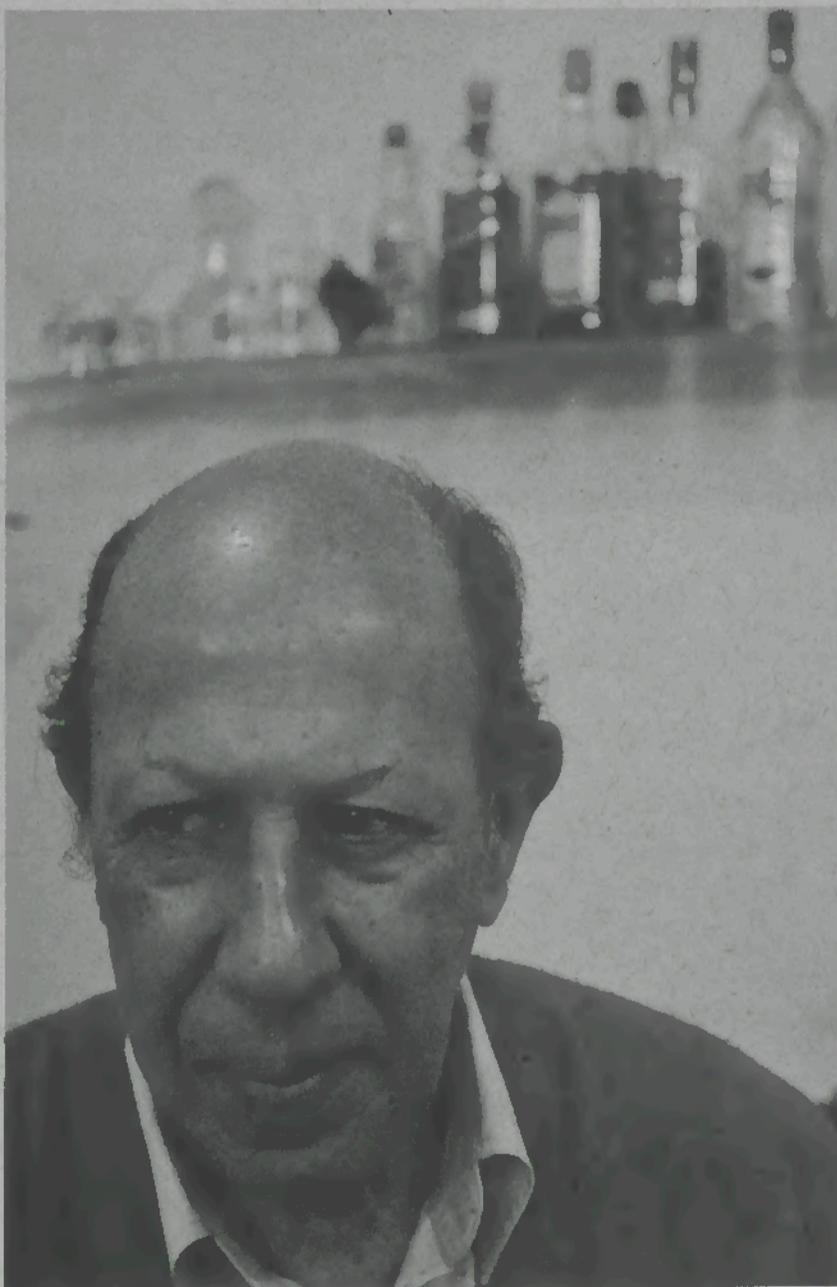


ensaio sobre  
a *velhice*

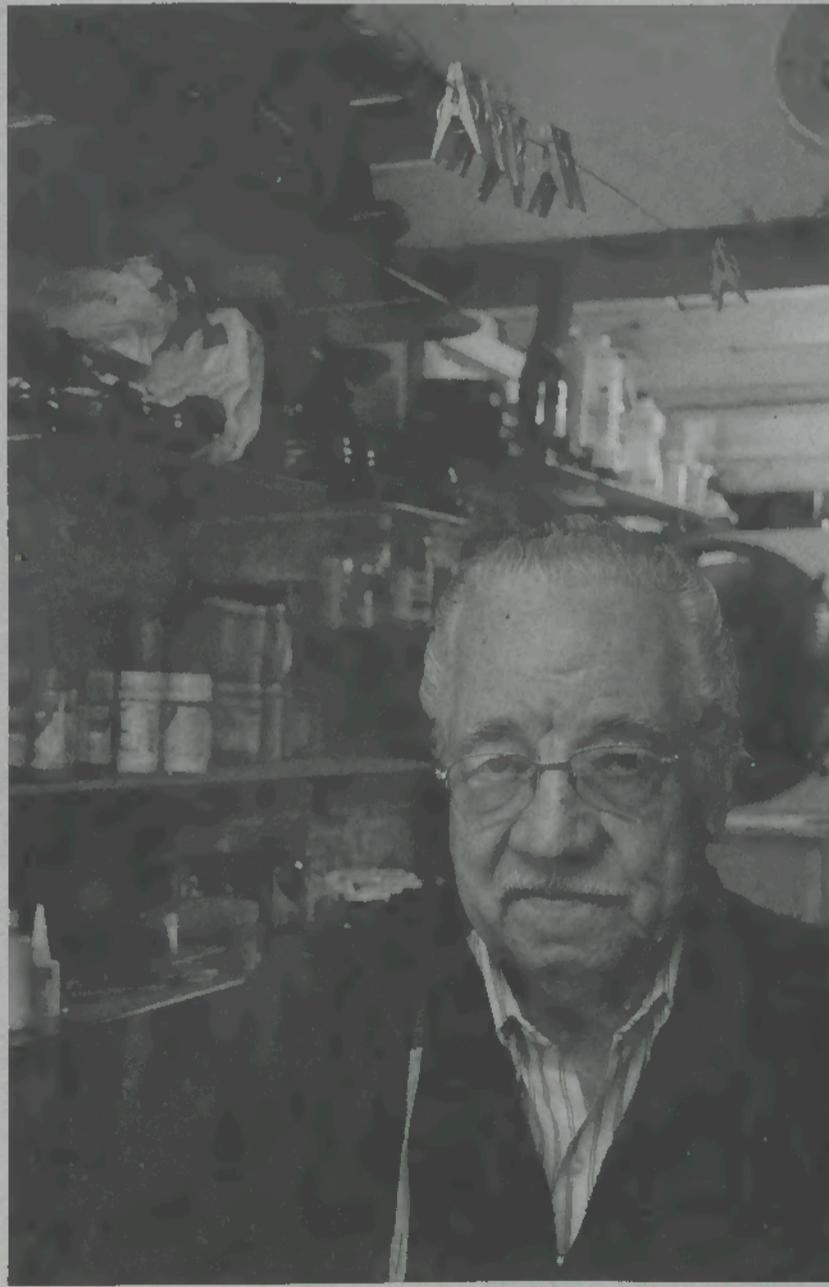
CECÍLIO SOUZA  
81 anos



ASSIS SILVEIRA  
68 anos



SEU LÉO  
68 anos



CARLISTOS ALBERTO PEREIRA DE SOUZA  
74 anos

*A juventude do amadurecimento é juventude livre. Passou já pelas águas da tristeza e está à vista do país da alegria pura. Não pretende comer o fruto senão dá-lo.*

*Rabindranath Tagore*

NOELI SILVA DOS SANTOS  
70 anos



TIA VILMA  
66 anos



RUI  
74 anos

MERCEDES  
70 anos

# Vida e Morte de José Saramago

“...Houve uma nova pausa, que o primeiro-ministro interrompeu, Estou quase a chegar a casa, eminência, mas, se me dá licença, ainda gostaria de lhe pôr uma breve questão, Diga, Que irá fazer a igreja se nunca mais ninguém morrer, Nunca mais é demasiado tempo, mesmo tratando-se da morte, senhor primeiro-ministro, Creio que não me respondeu, eminência, Devolvo-lhe a pergunta, que vai fazer o estado se nunca mais ninguém morrer, O estado tentará sobreviver, ainda que eu muito duvide de que o venha a conseguir, mas a igreja, A igreja, senhor primeiro-ministro, habituou-se de tal maneira às respostas eternas que não posso imaginá-la a dar outras, Ainda que a realidade as contradiga, Desde o princípio que nós não temos feito outra coisa que contradizer a realidade, e aqui estamos, Que irá dizer o papa, Se eu o fosse, perdoe-me deus a estulta vaidade de pensar-me tal, mandaria pôr imediatamente em circulação uma nova tese, a da morte adiada, Sem mais explicações, A igreja nunca se lhe pediu que explicasse fosse o que fosse, a nossa outra especialidade, além da balística, tem sido neutralizar, pela fé, o espírito curioso...”

A morte é a única certeza da vida. E se não fosse? É o que questiona em *As Intermitências da Morte* o escritor português José Saramago, que faleceu aos 87 anos na ilha Lanzarote no último dia 18 de junho.

À primeira vista Saramago fazia uso de questionamentos que pareciam não fazer sentido algum como: o que aconteceria se toda a humanidade ficasse cega; e se os votos brancos fossem a grande maioria nas eleições de um país; ou ainda o que ocorreria se o evangelho contasse a história de um Jesus humanizado. Porém tais artifícios foi a forma que o autor encontrou para desconstruir os discursos que sustentam a sociedade contemporânea, capitalista e consumista, e a Igreja Católica, dos quais era um grande crítico, como também do comportamento humano. O narrador de suas obras é um pensador, que observa, interpreta, relata e escreve sobre tudo o que vê, por isso suas obras se assemelham mais a ensaios do que a romances, onde

a principal personagem é o próprio autor com seus pensamentos e argumentos, e não as histórias que narra. O seu estilo, único, despreza o preciosismo da intelectualidade e as regras da escrita, aproximando-se da oralidade. Os diálogos são inseridos dentro dos parágrafos propiciando a sensação do fluxo de consciência. A sua principal influência foi o seu avô, um criador de porcos, a quem se referiu da seguinte maneira ao receber o prêmio Nobel de Literatura: “O homem mais sábio que conheci em toda a minha vida não sabia ler nem escrever”.

Saramago era pessimista em relação à sociedade, mas não em relação à vida. “Para mudar a vida, temos que mudar de vida, somos ricos mas vivêssemos como se não fossemos. Supõe-se que a escola preparã as crianças para a vida. Quando entra na idade adulta encontra uma sociedade violenta, egoísta e decidida a tudo para obter lucro”. Para o autor, o otimista ou é estúpido, ou insensível, ou milionário. Sua experiência de vida foi crucial para que entendesse o mundo de tal maneira. O escritor nasceu em uma pequena aldeia denominada Azinhaga, na região central de Portugal. Os avós criadores de porcos, o pai policial e a mãe costureira, não puderam dar recursos ao brilhante aluno, que teve que abandonar o liceu aos 12 anos, para o estudo da serralharia mecânica que foi o seu primeiro ofício. Até escrever o seu primeiro livro, *Terra do Pecado*, aos 25 anos, trabalhou com serviços administrativos em Lisboa, no entanto sua primeira aventura literária não foi bem-sucedida, assim só veio publicar um novo romance 30 anos depois, com a ascensão literária através de crônicas publicadas em jornais e revistas. Só foi completamente feliz após os 60 anos de idade quando pode viver do seu trabalho como escritor e conheceu o amor de sua vida, após algumas remações fracassadas, a jornalista e tradutora espanhola Pilar del Río, 28 anos mais nova que ele. Tal destino era algo inesperado para um jovem criado numa aldeia, sem condições, por avós analfabetos,

que não podiam oferecê-lo bom estudo. “A minha é uma vida que não podia ter sucedido em termos de pura lógica”. Mas foi essa vida, da qual o autor não reclama, que fez dele um dos maiores autores da língua portuguesa.

A sua crítica a sociedade e a defesa pelos direitos coletivos foram o que levou o autor ao exílio voluntário à Ilha de Lanzarote, no Arquipélago das Canárias, onde viveu ao lado de sua esposa Pilar e seus livros até o dia de sua morte. A polêmica criada com a obra *O Evangelho Segundo Jesus Cristo em Portugal*, país de catolicismo ortodoxo, e o veto pelo governo do país à candidatura do livro ao Prêmio Literário Português em 1992, foram cruciais para a ilha. A partir de então publicou as suas obras de maior sucesso de vendas e recebeu a maior parte de seus prêmios, embora a vida literária para o autor seja “feita de livros, e não de prêmios”.

A sociedade para o autor é sustentada por uma “lógica” facilmente negável ao desconstruí-la, o que faz em *Ensaio Sobre a Cegueira*, uma de suas obras mais celebradas. A metáfora da cegueira coletiva não apenas desconstrói a estrutura da sociedade contemporânea, ao isolar as relações entre os pilares que a constitui (Estado, Igreja e Forças Armadas), para possibilitar a opressão do homem médio por quem detém o capital, como também remete à própria lógica da cegueira em que vivemos. A obra é brutal, uma experiência dolorosa, que abre os nossos olhos para a terrível natureza humana: ganância, poder e obediência, desejo e vergonha, dominação e submissão. Repartimos a experiência da mulher do médico como os únicos imunes a essa “cegueira coletiva” e é por essa razão que sofremos e entendemos o sofrimento de Saramago ao observar a sociedade e a sua motivação a criticá-la incessantemente, a fim de vacinar os seus leitores em relação a essa “doença”. As proibições a que nós são ordenadas

seja pelo Constituição Civil, ou pela Igreja, através do conceito de pecado são instrumentos de controle, no caso deste, não das almas, mas dos corpos. Os céu e o inferno é uma criação da mente humana para render e condicionar os revoltados. Mas mesmo estes perderam o controle. O “proibido proibir” gerou a distonia de uma geração em relação aquilo que vivia, mas gerou também “um sentido de irresponsabilidade que pode ser manifestado pelo cinismo, covardia, o Não posso fazer nada”.

“Tudo o que temos está na mente, Deus é uma criação da mente humana. Criamos Deus porque tínhamos medo de morrer, inventamos o paraíso, inventamos o inferno, inventamos o purgatório”. A morte, no entanto, não suscitava medo em Saramago, ao ser questionado sobre o seu futuro aos 84 anos de idade respondeu da seguinte maneira: “Tenho 84 anos, posso viver mais três, quatro ou cinco anos”, e se temia a morte: “Não. Tal como eu vejo, o pior que a morte tem é que antes estavas, e agora já não estás. Eu digo de outra maneira aquilo que a minha avó disse, já estava farta de viver e disse O mundo é tão bonito e eu tenho tanto pena de morrer, E ela não tinha pena de morrer, ela tinha pena de já não estar no futuro, para continuar a ver esse mundo que ela achava bonito”. E por isso que em *As Intermitências da Morte*, um de seus últimos livros, o autor reconhece que sem morte não há vida, o que nos motiva a ser, a fazer é a certeza de que um dia iremos morrer, a ideia de que temos que aproveitar a vida enquanto a temos, o medo de deixar de ser sem ter feito algo do qual possamos deixar como legado de nossas vidas. Assim, a morte de José Saramago é para ser lamentada por tudo aquilo o que foi e fez, mas também celebrada pelo legado que deixou enquanto viveu.

Daniel Casuano  
dancaumo@gmail.com



